



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
FACULDADE DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA/PARFOR

**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

MARABÁ/2014

**CARLENY BOTELHO SOUSA**

**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final avaliativo para obtenção do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, na Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Orientador Prof. Ms. Marcos Alexandre Pimentel da Silva.

MARABÁ/2014

**CARLENY BOTELHO SOUSA**

**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

---

Prof. Ms. Marcos Alexandre Pimentel da Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – *Campus Marabá*

---

Prof. Ms. Hugo Rogério Hage Serra (Examinador)  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – *Campus Marabá*

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Rovaine Ribeiro (Examinadora)  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – *Campus Marabá*

Julgado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Conceito Final: \_\_\_\_\_

MARABÁ/2014

De modo especial, a todos os meus amigos de turma e professores, que com amizade e companheirismo caminharam junto comigo em toda essa etapa importante de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, fonte da vida e de graça por me iluminar durante toda essa trajetória.

Ao meu orientador Prof. Ms. Marcos Alexandre Pimentel da Silva que jamais deixou de me incentivar. Sem a sua orientação, dedicação e auxílio, o estudo aqui apresentado seria praticamente impossível.

Aos meus familiares Vilmar, Dilva, Iara, Ylana, Indy Lara e Vilmar Gabriel, David e Adésio que, apesar das dificuldades enfrentadas, sempre incentivaram meus estudos.

À professora de geografia Rosimeiri Pego de Macedo pela dedicação.

Aos meus amigos de turma Darielde, Gerciel Batista Pereira e Silvio Valdivino que incansavelmente me ajudaram a superar as dificuldades.

Aos meus amigos Joari Procópio, Nédyma Costa Lima, Helder Costa Lima e Maria Oneide pela dedicação, presteza e principalmente pela vontade de ajudar e a todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Aos professores que acreditaram em minha capacidade enquanto aluna e pessoa para desenvolver um bom trabalho, mediante suas relevantes observações, orientações e considerações.

Aos colegas de turma que muito contribuíram para a troca de conhecimentos e experiências ao longo do curso.

Aos alunos e funcionários da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima, São Geraldo do Araguaia-PA que, prontamente, contribuíram com informações, respondendo a entrevista aplicada.

## **RESUMO**

O trabalho analisa a temática do trabalho escravo tratada no ensino de Geografia, antes e após a introdução do Projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão” na Escola Raimundo Ferreira Lima, considerando os anos de 2007, 2009 e 2011. No seu desenvolvimento discutiu a prática de ensino dos professores de geografia antes e após a introdução do projeto, assim como identificou os novos materiais didáticos e conteúdos de geografia introduzidos a partir do projeto. Para a realização da pesquisa, foram feitas entrevistas com os professores de geografia da Escola Raimundo Ferreira Lima, com o intuito de perceber e caracterizar o antes e o depois do projeto desenvolvido na prática docente, seguidas de pesquisa documental, a qual visou identificar os novos materiais didáticos e conteúdos de geografia trazidos pelo Projeto Escravo Nem Pensar e material complementar, cedido pela ONG Repórter Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho Escravo, Ensino de Geografia, Projeto Escravo Nem Pensar, Escola.

## **ABSTRACT**

The work analyzes how the theme of slave labor is treated in the practice of the teaching of geography, before and after the introduction of the No Way to Slavery Project, considering the years 2007 2009 and 2011. In the course of its development, the didactic materials as well as the content utilized in the teaching of geography before and after the project were discussed. Additionally, new didactic materials and geographic content were introduced at the commencement of the project. For the realization of the research, interviews were conducted with geography professors at the Raimundo Ferreira Lima School, with the intent to perceive and characterize the before and after aspects of the project developed in the teaching practice. Documentary research ensued, which aimed to identify the new didactic materials and geography content brought forth by the No Way to Slavery Project, ceded by the ONG Reporter Brasil.

**KEY WORDS:** Slave Labor, Teaching of Geography, No Way to Slavery Project, School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I: O ENSINO DE GEOGRAFIA DIANTE DA TEMÁTICA DO TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO</b> .....	14
1.1 O papel do ensino de geografia.....	16
1.2 O ensino de geografia e a temática do trabalho escravo.....	17
1.3 O ensino de geografia a partir da lei 10.639/03.....	18
<b>CAPITULO 2: "A ESCOLA RAIMUNDO FERREIRA LIMA: REFLEXÃO E AÇÃO NO COMBATE AO TRABALHO ESCRAVO" ....</b>	<b>20</b>
2.1 As bases do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” .....	22
2.2 A concepção de trabalho escravo dos professores de Geografia da E.M.E.F. Raimundo Ferreira Lima.....	23
2.3 A concepção de trabalho escravo entre os alunos da E.M.E.F. Raimundo Ferreira Lima.....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>33</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>34</b>



## INTRODUÇÃO

Apesar de extinta em 1888 (oficialmente), a escravidão ainda é praticada no Brasil nos dias de hoje – principalmente na forma de trabalho escravo. Entretanto, esta prática se apresenta diferente da escravidão dos períodos colonial e imperial da história do Brasil, em que a riqueza de uma pessoa era medida pela quantidade de escravos que possuía e a mão de obra era escassa, tornando a lavoura dependente do tráfico negreiro, do aprisionamento de índios ou de que os filhos de escravos continuassem escravizados (ONG REPÓRTER BRASIL, 2009).

No mundo contemporâneo, partindo da premissa da atualidade do processo de acumulação primitiva, este se encontra relacionado, fundamentalmente, à espoliação, enquanto que o de reprodução do capital está associado à exploração. Espoliação significa privar alguém de algo, por meios ilícitos, ilegítimos ou violentos (LENCIONI, 2012).

Inúmeras são as denúncias feitas da exploração do trabalho escravo e essa atividade por ser clandestina somente é registrada a partir de fiscalizações. No sudeste paraense, o resgate dos trabalhadores depende da agilidade nas denúncias e fiscalizações ocorridas durante um curto intervalo de tempo: quanto maior o número de denúncias maiores as chances de libertações dos trabalhadores.

Um outro fator que tem provocado a diminuição de denúncias entre os trabalhadores é que o tempo de permanência nas fazendas tem diminuído frequentemente. Segundo o programa “Escravo, nem pensar” (2012), embora o trabalho escravo tenha sido identificado em todo o Brasil, a maioria dos casos encontra-se no Estado do Pará onde 12.183 trabalhadores foram libertados entre os anos de 1995 a 2011. De 1995 a 2011 mais de 43 mil pessoas foram libertadas da escravidão em fazendas no Brasil.

Muitos creem que hoje já não se permite a escravidão, o mercado de pessoas, a expropriação violenta da terra de quem nela trabalha e nem se criam leis contra os pobres. Infelizmente, isso não é verdade. Apesar do avanço técnico e de tantas leis acerca dos direitos humanos, persiste a violência, a fraude e o roubo como chaves da acumulação primitiva de capital (LENCIONI, 2012).

Considerando estas observações, destacamos o papel da Organização Não Governamental (ONG) Repórter Brasil responsável pela organização do programa educacional “Escravo nem Pensar”, tendo como missão:

- (a) diminuir, por meio da educação, o número de trabalhadores das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste aliciados para o trabalho escravo na Amazônia e no Cerrado brasileiro;
- (b) difundir o conhecimento a respeito de tráfico de pessoas e de trabalho escravo rural contemporâneo como forma de combater essa violação dos direitos humanos;
- (c) promover o engajamento de comunidades vulneráveis na luta contra o trabalho escravo.

Para isso, o programa realiza formação de educadores, de gestores públicos em educação e de lideranças populares; articula a formação de uma rede entre participantes de diferentes regiões do país e apoia o desenvolvimento de iniciativas locais de prevenção ao trabalho escravo, entendendo que:

De acordo com o artigo 149 do Código Penal, são elementos que determinam trabalho análogo ao de escravo: condições degradantes de trabalho (aquelas que excluem o trabalhador de sua dignidade), jornada exaustiva (que impede o trabalhador de se recuperar fisicamente e ter uma vida social), cerceamento de liberdade/trabalho forçado (manter a pessoa no serviço através de fraudes, isolamento geográfico, ameaças e violências físicas e psicológicas) e servidão por dívida (fazer o trabalhador contrair ilegalmente um débito e prendê-lo). (www.jornalgazetadopovo.com.br, Repórter: Leonardo Sakamoto acesso em 01/08/2013 p.23).

De acordo com isso, a escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima, localizada na Avenida Presidente Vargas, bairro Centro, em São Geraldo do Araguaia; desenvolveu atividades junto ao Programa “Escravo nem pensar”<sup>1</sup> durante os anos de 2007, 2009 e 2011.

Diante da realidade vivida entre professores, alunos e comunidade local na região, decidimos desenvolver a seguinte problemática geral de pesquisa: Como a temática do trabalho escravo é abordada no ensino de Geografia a partir das ações do projeto “Direitos

---

<sup>1</sup>O Programa “Escravo nem pensar” (ONG Repórter Brasil) e o Projeto: “Direitos Humanos e educação para erradicar a escravidão” (Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima) possuem uma relação de parceria no sentido de alcançarem o mesmo objetivo que é o de combater o trabalho escravo em nossa região, Sudeste do Pará, através de denúncias e informações e tem como representante a ONG Repórter Brasil que se destaca como principal parceira fornecendo materiais de apoio pedagógico, troca de informações e acompanhamento de todas as ações desenvolvidas por professores e alunos durante o período de desenvolvimento do projeto. O programa escravo nem pensar é de iniciativa da ONG Repórter Brasil e o Projeto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima é o Projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão” influenciados pela ONG Repórter Brasil.

Humanos e Educação para Erradicar a escravidão, desenvolvido na escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima?

Esta problemática geral se desdobra, por sua vez, em duas questões centrais:

(a) Qual a concepção de trabalho escravo dos professores de Geografia da Escola Raimundo Ferreira Lima antes e após a implantação do projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão”?

(b) Como é representado o trabalho escravo no ensino de Geografia na Escola Raimundo Ferreira Lima antes e após a implantação do projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão”?

A referência empírica de análise a ser trabalhada será o Projeto: “Direitos Humanos e educação para erradicar a escravidão”, desenvolvido em três etapas na Escola Raimundo Ferreira Lima nos anos de 2007, 2009 e 2011, projeto este que se iniciou a partir de uma visita de representantes da ONG Repórter Brasil que apresentaram a proposta de uma parceria com a escola, tendo em vista a necessidade do desenvolvimento de um trabalho voltado à informação para a comunidade escolar dos motivos que levam as pessoas a aceitarem qualquer tipo de oferta de trabalho e acabarem sendo exploradas como mão de obra escrava.

Analisando o Projeto: “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima, foi possível identificar que a ideia principal é sensibilizar os alunos e a comunidade sobre os direitos humanos e trabalhistas, promovendo ações que criem ambiente de educação a respeito do trabalho escravo.

O Projeto desenvolveu várias atividades que envolveram grande parte da comunidade escolar e entidades do poder público, como a promotoria de justiça da Comarca de São Geraldo do Araguaia, a Polícia Militar, a Secretaria de Meio Ambiente e o Departamento de Trânsito Municipal (DMTU). A exposição da temática buscou abranger os direitos humanos em sua amplitude, não se limitando ao trabalho escravo. Estudantes participaram de seminários, exibição de filmes, de paródias, de peças teatrais e de confecção de cartazes, panfletos e camisetas.

Também realizaram um júri simulado no qual o réu foi julgado por abusar sexualmente de sua enteada. O enredo contou com a colaboração do Promotor de Justiça Dr. Celsimar Custódio da Comarca de São Geraldo do Araguaia - Pará. Todas as produções realizadas no decorrer da ação do programa foram apresentadas à comunidade, que

“compareceu em peso” ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais para prestigiar as apresentações.

Dessa forma, o objetivo geral do trabalho é analisar como a temática do trabalho escravo é tratada no ensino de geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima a partir da introdução do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.

Como objetivos específicos, buscamos:

- (a) Identificar e caracterizar a concepção de trabalho escravo por parte dos professores, antes e após a introdução do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.
- (b) Identificar e caracterizar as mudanças nas representações dos alunos referentes a concepção de trabalho escravo introduzidas pelo projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.

Para isso, considerando o debate teórico acerca da reprodução e da libertação no papel do ensino de Geografia, organizamos as etapas metodológicas da pesquisa da seguinte maneira:

- (a) Pesquisa bibliográfica de caráter teórico acerca do ensino de Geografia e da temática do trabalho escravo.
- (b) Pesquisa documental para a identificação dos novos materiais didáticos e conteúdos direcionados ao ensino de geografia e introduzidos com o projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.
- (c) Entrevistas semi-estruturadas, junto aos alunos e professores de geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima para caracterizar como era a prática docente antes e depois do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.
- (d) Análise dos materiais coletados na pesquisa documental e na realização das entrevistas, junto ao orientador com o objetivo de elaborar a versão final do TCC.

Dessa forma, dividimos o TCC em dois capítulos. No capítulo 1 apresentamos a discussão acerca do papel do ensino de Geografia e uma apresentação do trabalho escravo mostrando seu conceito, as características e suas formas na atualidade.

No capítulo 2 discutimos os resultados da pesquisa, referentes a como o ensino de geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima abordava a

temática do trabalho escravo e como o ensino de Geografia passou a abordar esta temática após o projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.

## CAPÍTULO 1

### O ENSINO DE GEOGRAFIA DIANTE DA TEMÁTICA DO TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.

O objetivo desse capítulo é analisar o papel do ensino da geografia para uma região como o sudeste paraense,<sup>2</sup> marcada em sua formação territorial pelo conflito, enfatizando o debate acerca do trabalho escravo no mundo contemporâneo.

Ao contrário do que se pensava, entende-se que o trabalho escravo é uma relação contemporânea e como foi possível perceber durante a realização do projeto "Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão", o tema do trabalho escravo torna-se importante para a disciplina de geografia.

No que diz respeito à dinâmica do trabalho no capitalismo, o trabalho tornou-se mercadoria. Entendemos assim que aquele que não possui meios de produção nem capital vende sua força de trabalho e, em consequência, ocorre a concentração do capital nas mãos de poucas pessoas.

Nas relações trabalhistas predomina o trabalho assalariado. O trabalhador “vende” sua força de trabalho aos donos dos meios de produção, recebendo em troca um salário. A força de trabalho é, portanto, uma mercadoria (ALMEIDA, 2010, p.17).

Por outro lado, o capitalismo hoje não sobrevive apenas de relações puramente capitalista. Chegamos assim ao tema da acumulação primitiva, que é interpretada ora como sendo um fato do passado, ora como um processo que perdura até hoje.

De todo modo, historicamente a acumulação primitiva não desapareceu, sendo, inclusive, um importante componente da sociedade contemporânea. Assim, o processo de acumulação primitiva está relacionado à espoliação e à produção de um capital novo, enquanto que o de reprodução do capital está relacionado à exploração e tem como ponto de partida um capital já constituído.

Observamos então que o processo de acumulação primitiva está relacionado à espoliação, enquanto que o de reprodução do capital está associado à exploração. Espoliação

---

<sup>2</sup> Tomando como referência os territórios da cidadania, pode se dizer que os municípios que o compõem o Território Sudeste Paraense - PA abrangem uma área de 54.469,20 Km<sup>2</sup> e é composto por 14 municípios: Brejo Grande do Araguaia, Canaã dos Carajás, Curionópolis, Itupiranga, Marabá, Nova Ipixuna, Palestina do Pará, Parauapebas, Piçarra, São Domingos do Araguaia, São Geraldo do Araguaia, São João do Araguaia, Bom Jesus do Tocantins e Eldorado dos Carajás. ([www.territoriosdacidadania.gov.br](http://www.territoriosdacidadania.gov.br)- acesso em 17/05/2014).

significa privar alguém de algo, por meios ilícitos, ilegítimos ou violentos. É esse o sentido dos mecanismos espoliativos, como aquele que nega o direito à posse.

David Harvey propõe o termo “acumulação por despossessão” (accumulation by dispossession) para dar conta da nova realidade. Segundo ele, “a acumulação primitiva que abre caminho à reprodução expandida é bem diferente da acumulação por espoliação, que faz ruir e destrói um caminho já aberto” (HARVEY, 2004, p. 135).

Os efeitos de uma reestruturação capitalista por desregulamentação e livre atuação de agentes hegemônicos do capital provocam o que o renomado geógrafo britânico David Harvey chama de acumulação por despossessão. Perdas de ativos que vão parar nas mãos de especuladores, perda da capacidade de consumo, perda da capacidade do Estado de construir infraestrutura social e perda do poder de compra dos trabalhadores mediante aumento da inflação e congelamento de salários são sintomas visíveis desse processo. (HARVEY, 2004, p. 135).

A despossessão fragiliza o Estado, pois restringe sua atuação como provedor de reformas voltadas à construção de infraestruturas sociais e redistribuição de renda. Fragiliza os trabalhadores, corroendo salários, aumentando o desemprego e reduzindo a capacidade de articulação dos sindicatos. Por outro lado, fortalece a acumulação de capitais por meio da concentração de renda em mãos de grandes capitalistas e exacerba o poder social do dinheiro como instrumento de controle dos Estados e dos trabalhadores em uma escala global (LOBO DOS SANTOS, 2014, p.1).

É certo que a escravidão atual existente no Brasil apresenta-se como diferente e mais interessante para o patrão do que na época colonial. O escravo hoje não tem valor e o seu custo de manutenção é baixíssimo. Além de não ter valor de compra, pode ser dispensado a qualquer momento sem direitos trabalhistas, agora não faz diferença se a pessoa é negra, branca ou amarela, os escravos são escravizados sem distinção além de sofrerem ameaças, punições e até assassinatos.

Dessa forma, é necessário refletirmos que antes o escravo era um investimento e tinha um alto custo de manutenção e atualmente percebemos que mesmo sendo diferente o lugar, o tempo e a forma de exploração, os motivos são os mesmos. Os esforços do empregador estão voltados exclusivamente para o aumento dos lucros não se importando em organizar a mão de obra que continua excessiva.

Nesse aspecto, observando a situação atual do trabalhador brasileiro, cabe nós dizer que a escravidão atual ocorre de maneira a rebaixar e deteriorar o indivíduo, deixando-o

incapaz de viver com saúde e dignidade, sofrendo limitações na alimentação e moradia, “empurrando” esse sujeito para uma situação limite (MARTINS, 1997).

Como define a Organização Internacional do Trabalho (OIT), trabalho escravo é: "todo trabalho ou serviço exigido de uma pessoa sob ameaça de sanção e para qual ela não tiver se oferecido espontaneamente" e possui como principal característica a natureza do trabalho compulsório na relação de trabalho, entre a pessoa e o empregador. (ver Quadro 1).

**Quadro 1:** Caracterização do Trabalho Escravo.

<b>TRABALHO ESCRAVO</b>		
<b>ANULAÇÃO DA DIGNIDADE</b>	<b>E/OU</b>	<b>PRIVAÇÃO DA LIBERDADE</b>
Alojamento precário		Dívida ilegal/servidão por dívida
Falta de assistência médica		Isolamento geográfico
Péssima alimentação		Retenção de documentos
Falta de saneamento básico e de higiene		Retenção de salários
Maus-tratos e violência		Ameaças físicas e psicológicas
Ameaças físicas e psicológicas		Encarceramento
Jornada exaustiva		Trabalho forçado

Fonte: Repórter Brasil. Projeto Escravo Nem Pensar, 2012, p.28

Após essa definição de trabalho escravo devemos acrescentar a falta de liberdade de ir e vir do trabalhador que vive iludido com promessas, submetendo-se a qualquer tipo de trabalho a espera de melhoras que alimentem a esperança de uma vida melhor para sua família.

### **1.1 O papel do ensino de geografia.**

Qual a relação que poderíamos estabelecer entre a dinâmica do trabalho escravo na atualidade e o ensino de Geografia? Acreditamos que esta relação se manifesta no desenvolver do ensino de Geografia, em que se percebe o ensino da geografia ora voltado à dominação, ora direcionado à libertação.

Segundo José Willian Vesentini (2011), o papel do sistema escolar como instrumento de dominação é algo já bem estudado e demonstrado. Não é necessário ser adepto do chamado reprodutivismo para ver isso (isto é, a interpretação que vê a escola tão somente como reprodução das relações de poder de uma sociedade). Mas a escola não é apenas uma



instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação. Ela contribui também para aprimorar ou expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, seja esse projeto individual ou coletivo.

É possível perceber que como o termo dominação foi construído pela burguesia com o intuito de transformar a sociedade em geral em uma sociedade capitalista, a dominação funciona como instrumento de controle social, atribuindo este mesmo papel à educação.

Nesse sentido, embora a educação no seu sentido mais amplo contemple aspectos humanos e sociais, o ensino seria apenas um conceito de transmissão de conteúdos escolares presos as linhas pedagógicas tradicionalistas, fundamentadas na “reprodução da inventividade”. A escola, enquanto priorizar apenas a necessidade de informar ou instruir seus alunos continuará a reproduzir conceitos e visões ideologizadas. Em alguns momentos ela pode servir de instrumento de reprodução do próprio sistema através dos conteúdos escolares ou até mesmo na reconstrução do indivíduo crítico, privando o aluno da construção de sua criticidade.

Porém, a escola também é um instrumento de libertação, procurando expandir a cidadania e através de suas ações desenvolver o pensamento crítico dos indivíduos. Sendo assim, o papel da escola é de agente social, aquele que leva o aluno a pensar livremente e a questionar o estado atual das coisas, propiciando um ensino no qual aja liberdade para inovar.

## **1.2 O ensino de Geografia e a temática do trabalho escravo.**

José William Vesentini (2011) ainda afirma que o tema trabalho escravo quando abordado na disciplina de geografia ocorre através de conteúdos extraídos principalmente do livro didático e de alguns textos retirados de livros e revistas de datas comemorativas. Compreendendo como a perspectiva da dominação, as atividades desenvolvidas apresentam-se restritas e ordenadas pelo professor que mantém controle sobre as produções dos alunos impedindo-os de ter liberdade de buscar novas descobertas. Nessa perspectiva percebemos que o aluno se posiciona como um mero receptor de informações que sua obediência a soberania do professor obriga-o a entender apenas a realidade do trabalho escravo vivido na época do Brasil-colônia. Percebe-se, assim, que na prática escolar são inúmeras as realidades e experiências com as quais nos deparamos, entre elas cabe destacar algumas deficiências no aprendizado dos alunos, onde estes apresentam certas dificuldades no que tange ao ensino da

Geografia, principalmente quando se exige reflexão sobre os acontecimentos cotidianos e do mundo.

Observando a realidade vivida na escola por nós professores, a grande maioria dos alunos precisa ser motivada a perceber a escola como um lugar principalmente do mundo do trabalho. Propiciar aos alunos uma percepção da escola como um lugar de construção permanente de conhecimento, bem como estimulá-los a se expressarem e se manifestarem espontaneamente, será um grande diferencial na sua formação. Mostrar ao aluno caminhos diferentes dos habituais em situações problemas, é ajudá-lo a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade é permitir escolhas diferentes em seu dia-a-dia. Sendo assim, na perspectiva da libertação, essa relação está mudando e assumindo outras feições, porém é fundamental, portanto, que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos, pois depende do professor os rumos que devem seguir o aprendizado, as experimentações, a construção dos diferentes espaços. O professor precisa trazer novas metodologias de ensino para a sala de aula, deixando-se libertar do livro didático, trazer assuntos que tenham conexão com a realidade promovendo assim o interesse pelas aulas de geografia que é uma disciplina tradicionalmente reconhecida pelos alunos como de memorização.

É preciso instigar a curiosidade do aluno para que ele possa trazer suas contribuições para a sala de aula, gerando um espaço onde haja trocas de conhecimento, diálogo e contato com realidades diferentes e ainda nesse contexto, aproximar cada vez mais o aluno da sua própria realidade e conseguir promover relações para que eles possam interpretar diferentes outras realidades. Com a abordagem inicial local fica mais fácil compreender os fenômenos que ocorrem numa escala mais ampla. É necessário mostrar que há muito mais que conteúdos a serem transmitidos, Por isso é tão importante que o conteúdo trabalhado se torne significativo para os alunos.

### **1.3 O ensino de Geografia a partir da Lei 10.639/03.**

Segundo Marília Lopes de Campos (2010), após a inserção da Lei 10.639/03 vem sendo operacionalizada, de modo a introduzir, como elemento obrigatório para os sistemas de ensino, o tema das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Tornou-se obrigatório algo que deveria ser necessariamente ensinado. Dessa forma,

o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos desafia a buscar novas metodologias e práticas pedagógicas, além de atividades de cunho reflexivo, cultural, que possibilitem, sobretudo, o debate de questões no ambiente escolar e em outros espaços no âmbito da sociedade.

Por um lado, a referida lei nos leva a um campo do conhecimento por vezes desconhecido, por outro, provoca a inquietação dos profissionais da educação, de modo que estes percebam a necessidade da busca constante do repensar da prática pedagógica, como condição fundamental para salvaguardar a diversidade cultural no ambiente escolar.

O caráter interdisciplinar da lei 10.639/2003 busca dialogar com a geografia das relações étnico raciais, trazendo para o debate, conceitos que estão em constante processo de revisão e nem sempre esse processo pode ser explicado a partir dos conhecimentos e contribuições somente da geografia. Nesse sentido, é importante estabelecer um diálogo com a geografia histórica das relações étnico raciais para pensar encontros com a ancestralidade; torna-se importante discutir a relação entre o território e as identidades étnico raciais preservadas ou reinventadas. Isso tudo é fundamental no sentido de não hierarquizar, idealizar ou subestimar as diversas motivações/manifestações sociopolíticas e culturais que fazem parte de um debate que deveria envolver uma pluralidade de sujeitos.

Para isso, o ponto de partida é uma dupla constatação: reconhecer por um lado que a Escola é uma instância fundamental, no sentido de contribuir para amenizar a dívida social e cultural que esta sociedade tem para com os afros descendentes, quer no campo material, quer no campo imaterial.

De toda forma, o ensino de Geografia muda, porque se trata de uma mudança ampla, desde a concepção da ciência geográfica, até a concepção do ensino desta disciplina e do ensino de seus temas, entre eles o do trabalho escravo, pois, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (1997, p.153), o ensino de geografia de forma geral é realizado por meio de aulas expositivas ou de leitura dos textos do livro didático, entretanto é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços.

## CAPÍTULO 2

### A ESCOLA RAIMUNDO FERREIRA LIMA: REFLEXÃO E AÇÃO NO COMBATE AO TRABALHO ESCRAVO.

Refletindo sobre esse contexto, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima decidiu desenvolver o projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão”<sup>3</sup>, motivada pelo incentivo da ONG Repórter Brasil, que tem como missão identificar e tornar públicas situações que ferem direitos trabalhistas e causam danos socioambientais no Brasil visando à mobilização de lideranças sociais, políticas e econômicas para a construção de uma sociedade de respeito aos direitos humanos, mais justa, igualitária e democrática. Busca através de seus objetivos fomentar a reflexão e ação sobre a violação aos direitos fundamentais dos povos e trabalhadores no Brasil.

A estrutura da Repórter Brasil possui duas áreas principais de atuação que reúnem todos os seus projetos: (a) Jornalismo e Pesquisa, responsável pela produção de informação e análises que subsidiam lideranças sociais, políticas e econômicas; e (b) Metodologia Educacional, voltada para difusão de informações sobre direitos e intercâmbio de conhecimento, envolvendo acadêmicos, educadores, trabalhadores e lideranças comunitárias (REPÓRTER BRASIL, 2012).

Após desenvolver uma metodologia para identificação e rastreamento de cadeias produtivas, a ONG percebeu um alto índice de pessoas envolvidas em condições degradantes de trabalho, constatando um conjunto de inúmeras irregularidades em nossa região decidiu partir para a busca de fortalecimento e a mais importante das estratégias foi a de unir forças e desenvolver em forma de projeto ações educativas envolvendo a comunidade escolar.

O “Escravo, nem pensar!” (ENP!) é o primeiro programa educacional de prevenção ao trabalho escravo a atuar em âmbito nacional. Com o desenvolvimento de metodologia educacional própria, desde 2004 o ENP! atua em comunidades em áreas de alta vulnerabilidade social, suscetíveis a violações de direitos humanos como trabalho escravo e tráfico de pessoas.

Suas linhas de ação incluem formação para educadores e lideranças comunitárias; elaboração de publicações didático-pedagógicas; e apoio técnico-financeiro a iniciativas

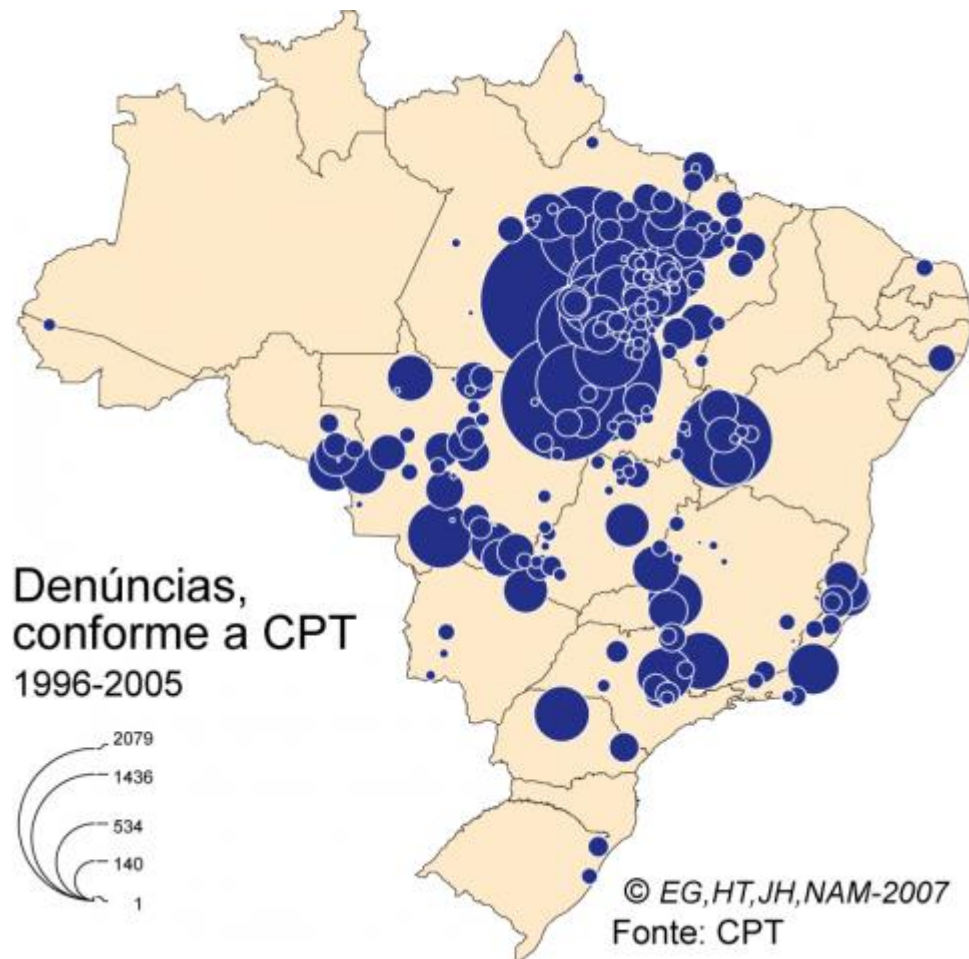
---

<sup>3</sup> Municípios do estado do Pará que participam do projeto escravo nem pensar: Breu Branco, Eldorado dos Carajás, Itupiranga, Marabá, Novo Repartimento, Pacajá, Palestina do Pará, Paragominas, Rio Maria, São Geraldo do Araguaia, Sapucaia, Tucumã, Tucuruí, Xinguara (REPÓRTER BRASIL, 2014).

comunitárias locais. Tais atividades já alcançaram mais de 100 municípios em oito estados brasileiros, beneficiando mais de 60 mil pessoas (REPÓRTER BRASIL, 2012). O programa também foi incluído nominalmente na segunda edição do Plano Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo e consta como meta ou ação de planos estaduais como os do Mato Grosso, Pará, Tocantins e Maranhão.

Conforme a Figura 02, observamos a seguinte distribuição espacial do fenômeno do trabalho escravo no Brasil, onde se destaca a elevada concentração de denúncias de trabalho escravo no Sudeste Paraense.

**Figura 02:** Denúncias de Trabalho Escravo no Brasil.



Fonte: Mapa de Théry, H. ; Mello Théry, N. A. ; Girardi, E. P. ; Hato, J. Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil. Revista Nera, Presidente Prudente, n°.17, p. 12, 2010.

## 2.1 As bases do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.

Com base no conteúdo do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” e nos demais dados fornecidos pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima, destacamos as seguintes orientações gerais:

(a) O Projeto "Direitos Humanos e Educação para erradicar a Escravidão" foi criado com o intuito de solucionar um problema de contexto social, onde o seu foco é o trabalho escravo, envolvendo a comunidade escolar da Escola Municipal de ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima. No seu desenvolvimento foram construídos um conjunto de ações necessárias para cada objetivo específico e atividades a serem realizadas para que as ações tenham sucesso. Foram estabelecidas metas ou resultados esperados e público alvo a ser atingido ou mobilizado, além de parcerias a serem firmadas para melhor fortalecimento das equipes.

Como objetivo Geral, o projeto propõe-se a erradicar o trabalho escravo em nosso município, promovendo ações que conscientizem alunos, comunidade escolar e sociedade civil dos indicadores dessa exploração.

Como objetivos específicos, propõe-se:

- Conscientizar os jovens inseridos no mercado de trabalho e a população desempregada em geral, sobre os perigos do trabalho escravo;
- Orientar a todos os envolvidos no projeto a respeito dos Direitos Humanos para o exercício pleno da cidadania;
- Identificar situações análogas ao trabalho escravo;
- Mobilizar a sociedade por meio de rádio, carro de som, folders e cartazes sobre a importância do evento.

(b) Os professores se inserem no projeto desde o planejamento das ações, aulas, montagem do material a ser utilizado, organização das atividades a serem desenvolvidas, acompanhamento das atividades em equipes, avaliação das atividades desenvolvidas, montagem de cronograma de ações e avaliação do projeto.

(c) Tem como proposta a realização de atividades envolvendo peças teatrais, paródias, músicas, textos com temas relacionados ao trabalho escravo; realização de júri simulado, passeata nas ruas da cidade com exposição de cartazes e uso de carro de som; elaboração de cartazes, faixas e folhetos explicativos.

## **2.2 A concepção de trabalho escravo dos professores de Geografia da E.M.E.F. Raimundo Ferreira Lima**

Assim, com o intuito de aprofundarmos o entendimento sobre a concepção dos professores e alunos da Escola Municipal de Fundamental Raimundo Ferreira Lima a respeito do projeto: “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”, realizamos um conjunto de entrevistas semi-estruturadas.

Assim, para os professores envolvidos no projeto indagamos como a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.

*"Era e falado mais não assim com tanta ênfase como foi depois do projeto. Antes a gente falava na sala dos conteúdos relacionados aquela escravidão do passado que envolveu os negros vindos da África, estudamos também os lugares onde ela ocorreu. depois do Projeto passamos a trabalhar os diversos tipos de escravidão que existe na atualidade e de que forma a mesma está distribuída no território brasileiro".* (Rosimeiri Pego de Macedo, Professora de Geografia, 2014).

Para a diretora da escola, *"Trabalhava pouco, não tinha incentivo e nem material de apoio."* (Maria Oneide Costa Lima, Diretora, 2014).

Para a vice-diretora, *"Os professores de geografia já trabalhavam aqueles conteúdos relacionados a escravidão que vem no livro didático."* (Marilene Coelho Pereira, vice diretora, 2014).

Para a professora Dinalmi, *"Era e falado mais não assim com tanta ênfase como foi depois do projeto"*. (Dinalmi dos Santos Figueiredo, professora de ensino religioso, 2014).

De acordo com a professora Rosivane, *"Somente o que era proposto no livro didático"*. (Rosivane da Silva Barbosa, professora de história, 2014).

Para esclarecer melhor o questionamento anteriormente abordado, pedimos aos professores que explicassem como esse tema era trabalhado.

*"Eles trabalhavam os conteúdos do livro didático e quando tinha algum relacionado ao trabalho escravo trabalhavam normalmente em sala de aula."* (Edna Maria de Jesus Sousa Tupinambá, professora, 2014).

*"Eles trabalhavam textos e através de pesquisas embasando-se na própria história do Brasil na era colonial."* (Nédyma Costa Lima, professora de artes, 2014).

*"Quando se fala em população, trabalho que vai falar sobre os modos de trabalhos sobre empregos sem procurar a dar ênfase em questão ao trabalho escravo com os empregos*

*aqui existentes aqui na região agente fala sobre esses modos de trabalho”.*(Rosimeiri Pego de Macedo, Professora de Geografia, 2014).

Conforme o conteúdo dos depoimentos acima destacados, observamos que a questão do trabalho escravo quase não era trabalhada pelos professores de geografia, tendo em vista que os mesmos demonstraram cumprir apenas o que era proposto pelo livro didático. Além disso, a concepção dos professores sobre o tema do trabalho escravo antes da implantação do projeto era baseada na escravidão embasada na história do Brasil do período colonial e que o tema era trabalhado somente através de poucas pesquisas ou em datas comemorativas relacionadas ao tema. Isso, para nós, caracteriza uma forma tradicional de compreender e de didatizar o tema do trabalho escravo, considerando-o como relação do passado e apenas como conteúdo cognitivo da disciplina de História do Brasil.

Em seguida, questionamos acerca de qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática. Registramos os seguintes depoimentos.

*“Buscavam nos filmes, textos, jornais e revistas.”* (Agnaldo da Costa Vales, professor de matemática, 2014).

*"Os professores utilizavam o livro didático e alguns textos pesquisados pelos alunos".* (Rosivane da Silva Barbosa, professora de história, 2014).

*"Baseado no livro didático e Pelo diálogo mesmo".* (Dinalmi dos Santos Figueiredo, professora de ensino religioso, 2014).

*“(...) simulados, seminários fazer uma forma com que eles, voltassem a atenção pra essa temática. Com o trabalho rural e o trabalho em comércio”.*(Rosimeiri Pego de Macedo, Professora de Geografia, 2014).

Ainda segundo a professora de geografia Rosimeiri: *"Baseado no livro didático e através de alguns textos complementares. me recordo das dificuldades encontradas para localizar conteúdos relacionados ao tema do trabalho escravo alguns anos atrás para trabalhar a disciplina de geografia. Porém com a chegada do projeto aproveitamos materiais novos, metodologias diferentes para apresentações de júri, pesquisas”.* (Rosimeiri Pego de Macedo, Professora de Geografia, 2014).

Os professores apresentaram em seus depoimentos que antes da implantação do projeto não tinham materiais disponíveis para trabalhar em sala de aula e que o livro didático era o que se tinha para ensinar. Em suas falas os professores não destacam o embasamento teórico que possivelmente está relacionado à forma tradicional de compreender e de didatizar os conteúdos cognitivos, além do fato de que a partir do momento em que a ONG Repórter



Brasil passou a atuar na escola, seus materiais passaram a se constituir como uma nova fonte de significado para a definição do conceito de trabalho escravo.

Sobre os fatores que contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” na escola, os professores relataram sobre como aconteceu à adoção desse projeto.

*“Pela própria convivência entre os alunos e familiares. O projeto veio para despertar na comunidade escolar o interesse pelo conhecimento das leis.”* (Edna Maria de Jesus Sousa Tupinambá, Professora de artes, 2014).

*“Em morarmos em uma região que existe trabalho escravo então pegamos a proposta ai com a Repórter Brasil que ela se enquadraria na nossa realidade”.*(Rosimeiri Pego de Macedo, Professora de Geografia, 2014).

Segundo o professor Agnaldo da Costa Vales: *“O motivo da ONG Repórter Brasil ter procurado a nossa escola, na minha opinião, foi porque estamos diretamente relacionados com alunos que trabalham no comércio local cumprindo cargas excessivas de trabalho e na maioria das vezes não recebem um salário digno, também porque na nossa região existe um foco muito grande de pais de família que trabalham nas fazendas em condições de escravos. Então eu acredito que esses foram os principais motivos para se inserir o projeto aqui na escola”* (Agnaldo da Costa Vales, matemática, 2014).

*“A falta de informação e a necessidade de informar nossos alunos do é trabalho escravo”.* (Francisco de Assis Alves da Silva, professor de estudos amazônicos,2014).

Dentro desses parâmetros, destaca-se que a falta de informação entre os alunos que em grande quantidade trabalham no comércio local por horas excessivas, pela própria convivência entre alunos e familiares e por nossa região apresentar um grande foco de famílias que trabalham em fazendas em situações análogas a de escravo foram fatores que contribuíram para a implantação do projeto na E.M.E.F. Raimundo Ferreira Lima.

Quando foi questionado Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto, a professora Rosivane explicou o seguinte:

*“Boa. Através de uma apresentação feita para a comunidade escolar percebemos o grande interesse, lembramos que alguns pais viviam nessas condições na época.”* (Rosivane da Silva Barbosa, professora de história,2014).

*“Foi boa, os alunos mostraram-se animados e dispostos a participarem do grande desafio. Aproveitamos materiais novos, metodologias diferentes para apresentações de júri, pesquisas, simulados, seminários procuramos fazer de forma com que eles voltassem pra essa*

*temática. Com o trabalho rural e o trabalho em comércio". (Rosimeiri Pego de Macedo, Professora de Geografia, 2014).*

Sobre a inserção do projeto no âmbito escolar e a realização de levantamento para identificar a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem; a professora Nédyma Costa Lima em sua fala afirmou que: *"A escola junto a ONG Repórter Brasil fizeram uma apresentação do que seria o projeto, quais os objetivos e assim decidiram realizar o projeto na nossa escola"*. (Nédyma Costa Lima, professora de artes, 2014).

Deste modo, percebemos que a aceitação do projeto foi boa entre os educandos e pela comunidade escolar, que os professores conseguiram identificar a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem, mesmo sabendo que práticas como essas vem permeando a nossa cultura devido à falta de sensibilização, apesar das dificuldades enfrentadas na implantação e no desenvolvimento das ações, no que diz respeito ao fornecimento dos materiais de apoio é perceptível os resultados obtidos. Atualmente, os professores e alunos já possuem elementos para identificar o que vem a ser trabalho escravo no mundo contemporâneo.

Realizamos também entrevistas com os alunos participantes do projeto: *"Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão"* e no desenvolver das perguntas, levamos em consideração o conhecimento dos alunos adquiridos antes e após sua realização com o intuito de diagnosticarmos a visão dos alunos acerca do trabalho escravo.

### **2.3 A concepção de trabalho escravo entre os alunos da E.M.E.F. Raimundo Ferreira Lima**

O aluno Sinoval Barros do Nascimento afirmou que: *"a professora Rosimeiri de geografia gostava de trabalhar na sala, antes do projeto chegar na nossa escola com textos de combate ao racismo e lembro-me que ela falava muito num lugar chamado Quilombos, um lugar onde os negros viviam e vivem"* (Sinoval Barros do Nascimento, 17 anos, 9º ano da turma B, 2014).

*"Em forma de textos, filmes e produção de desenhos"*. (Lauanny Gomes Freitas, 15 anos, 9º Ano turma A, 2014).

*"De várias formas: filmes, textos, seminários"*. (Ketler Lorrane Figueiredo da Silva, 15 anos, 9º ano B, 2014).

*"Através de textos sobre os negros africanos"*. (Leandro Oliveira Araujo, 15 anos, 9º ano B, 2014).

Em seguida, solicitamos aos alunos que descrevessem como esse tema foi trabalhado em sala de aula.

*“Nós estudamos a Lei Áurea e descobrimos que foi criada para beneficiar outras coisas, que a princesa Isabel não estava pensando somente na libertação dos escravos.”* (Ana Paula Cesar Nascimento Ferreira, 14 anos, 9º Ano turma A, 2014).

Sobre a importância do ensino do “Trabalho escravo” em sala de aula, a aluna Lauanny Gomes Freitas em sua fala disse que: *“Sim, por que as pessoas têm muito preconceito ainda contra os negros e para que as pessoas saibam o que é trabalho escravo”*. (Lauanny Gomes Freitas, 15 anos, 9º Ano turma A, 2014).

Para a aluna Ketler, *“Sim. Para que se tenha consciência. Desde pequeno devemos aprender a não escravizar.”* (Ketler Lorrane Figueiredo da Silva, 15 anos, 9º Ano turma B, 2014).

Na descrição feita pelos alunos de como esse tema foi trabalhado em sala de aula percebemos que: a) pouco se trabalhou a diversidade das formas de escravidão existentes, b) ainda há muito forte a associação de trabalho escravo ao negro, c) ainda não se reconhece o trabalho escravo como relação contemporânea. Acreditamos que os educadores poderiam ter inserido em seus conteúdos formas diferenciadas apresentar as leis que apoiam os indivíduos que se encontram escravizados.

Sobre a visão em relação ao trabalho escravo antes e depois do projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão”, observamos os seguintes depoimentos:

*“Antes do projeto eu pensava que escravo era só quem era negro e agora sei que pra escravizar não tem isso de cor.”*(Gustavo Lacerda dos Santos, 15 anos, 9º Ano, turma B, 2014).

*“Antes a gente era desinformado, hoje já sabemos pra onde correr, tem lei pra tudo”*. (Leandro Oliveira Araujo, 15 anos, 9º Ano, turma B, 2014).

*“Antes o que eu sabia era que os escravos existiram até na época da princesa Isabel. Agora aprendemos o que é o trabalho escravo nos dias de hoje”*. (Raioamar da Silva Mendes, 14 anos, 9º ano A, 2014).

Com base nessas entrevistas, percebemos que os alunos mostraram que com a inserção do projeto na escola passaram a identificar as características de trabalho escravo na atualidade, que muitas mudanças aconteceram no desenvolver da história do Brasil, porém percebemos que os professores poderiam ter aprofundado mais nos conteúdos relacionados à diversidade do trabalho escravo existentes nos diversos setores, as estratégias usadas pelos

que escravizam e as diferentes formas de identificar quando uma pessoa está sendo escravizada, identificar as áreas atingidas pelo foco de mão de obra escrava.

Sobre a elaboração de recursos didáticos e a participação dos alunos, registramos os seguintes depoimentos:

*“Alguns alunos participam outros não.”* (Jair Martins dos Santos, 14 anos. 9º ano A, 2014).

*“Sim, participei da confecção de faixas, cartazes, frases, poemas.”* (Elaine da Silva Vasconcelos, 17 anos, 9º ano A, 2014).

*“Ajudei a confeccionar até roupas para apresentarmos a peça de teatro, fizemos cartazes e faixas também”.* (Ketler Lorrane Figueiredo da Silva, 15 anos, 9º Ano B).

*“Peças teatrais, cartazes, faixas e outros materiais foram confeccionados com a participação dos alunos”.* (Sinoval Barros do Nascimento, 17 anos, 9º ano da turma B, 2014).

Considerando o conjunto de entrevistas acima expostas, pode se dizer que o projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão” foi desenvolvido envolvendo a comunidade escolar, principalmente os professores e alunos que demonstraram- se satisfeitos com o desenvolvimento das atividades, porém acomodados com a quantidade de conteúdos oferecidos.

Ao analisarmos como a temática do trabalho escravo é tratada no ensino de geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima a partir da introdução do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”, identificamos que poderiam ser trabalhadas diversas atividades de geografia como pesquisas envolvendo gráficos e mapas constando o número de denúncias ocorridas em nosso país e na região Norte do Brasil e da distribuição das pessoas escravizadas por atividades no Brasil; confecção de gráficos constando o número de denúncias ocorridas no ano da realização do projeto por faixa etária; realização de pesquisa documental de crianças que são obrigadas a trabalhar por horas excessivas e de meninas que são obrigadas a se prostituírem; realização de pesquisa documental com alunos que trabalham no comércio local em condições análogas a de escravos.

Ao procurar identificar e caracterizar a concepção de trabalho escravo por parte dos professores, antes e após a introdução do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”, percebemos que ocorreram mudanças no decorrer do processo ensino aprendizagem, que os professores anteriormente conseguiam caracterizar a concepção do trabalho escravo, porém como demonstraram em suas respostas, encontravam-se limitados ao livro didático com grande obediência, tratando do tema raramente nas datas comemorativas.

Após a inserção do projeto, foi possível perceber que os professores passaram a tratar do tema com mais segurança, conseguindo assim diferenciar as formas de trabalho escravo existentes e que, conforme o desenvolvimento das atividades, as visões foram ampliadas e hoje o tema é visto de forma diferenciada entre os educadores, ou seja, o projeto em seu desenvolvimento conseguiu promover mudanças nas representações do trabalho escravo.

Quanto aos alunos entrevistados, eles em suas falas mostraram que antes da implantação do projeto na escola só conheciam o trabalho escravo relacionado aos negros vindos da África na época do Brasil Colônia, ou quando estudavam no livro didático ou quando os professores solicitavam em forma de pesquisas. Entretanto, atualmente conseguem identificar as diferentes formas de escravidão existentes no Brasil, porém, apresentam dificuldades em caracterizar o processo de mudança ocorrido nas representações do trabalho escravo introduzidas pelo projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”, demonstrando que se apresentam inseridos numa zona de conforto, apenas como mero receptores que continuam a disposição dos educadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientes que é na escola que aprendemos a conhecer a realidade e discernir que um trabalho mesmo que seja realizado voluntariamente, pode estar em condições consideradas subumanas, degradantes; torna-se necessário no mundo de hoje distinguir as diferentes modalidades e práticas de trabalho, entre elas o trabalho escravo.

Em geral, o trabalho forçado pode ser concebido como todo trabalho exigido de um indivíduo sob ameaça de sanção e para o qual ele não se apresentou espontaneamente ou se apresentou sob ameaça de punição. Nesse sentido, realizamos a análise do Projeto: “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”, tomando como base inicial a visão de alunos e professores acerca do que era ensinado pelos professores de geografia antes da implantação do projeto e se a questão do trabalho escravo era debatida e como era debatida nas aulas de geografia.

Através da realização de entrevistas entre os alunos e professores, pôde-se constatar como se tornou nítida a percepção geral sobre os conteúdos de geografia anteriormente trabalhado na E.M.E.F. Raimundo Ferreira Lima pelos professores de geografia, conteúdos estes que somente abordavam temas relacionados ao trabalho escravos quando constavam nos livros didáticos e que após a inserção do referido projeto na escola, a temática do trabalho escravo passou a ser debatida com mais frequência em sala de aula, com a sugestão de atividades de pesquisas, envolvendo o tema e os educandos, os quais já conseguem conceituar o que vem a ser trabalho escravo e já são capazes de identificar alguns tipos de trabalho escravo existentes em nossa Região e no Brasil.

*“Antes do projeto eu pensava que escravo era só quem era negro e agora sei que pra escravizar não tem isso de cor.”*(Gustavo Lacerda dos Santos, 15 anos, 9º Ano, turma B, 2014).

*“Antes a gente era desinformado, hoje já sabemos pra onde correr, tem lei pra tudo”.* (Leandro Oliveira Araujo, 15 anos, 9º Ano, turma B, 2014).

*"Eu não entendia muito e depois do projeto passei a ter mais entendimento, agora consigo perceber quando uma pessoa está sendo escravizada. me lembro que antes os professores quase não falavam de trabalho escravo e com o projeto isso mudou, a gente passou a conhecer o que é trabalho escravo nessa época e também procurar os direitos da gente se precisar".* (Ana Paula Cesar Nascimento Ferreira, 14 anos, 9º Ano turma A, 2014).

A partir desta concepção, foi possível analisar que, conforme observamos no desenvolver deste trabalho, existe a grande necessidade de um acompanhamento mais

próximo do tema em questão, que maiores discussões devem ser levantadas e levadas ao conhecimento da própria comunidade e de entidades parceiras no sentido de levar ao conhecimento a existência, a gravidade, as consequências e a necessidade de combate e erradicação do trabalho escravo.

Após realizar uma análise de como a temática do trabalho escravo é tratada no ensino de geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima a partir da introdução do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”; buscamos através de entrevistas com professores e alunos e da observação dos materiais didáticos existentes na escola conhecer a realidade atual dos educadores e educandos que participaram ativamente da realização do projeto. Procuramos identificar e caracterizar a concepção de trabalho escravo por parte dos professores antes e após a introdução do projeto e identificar e caracterizar as mudanças nas representações do trabalho escravo introduzidas pelo projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.

Dito isso, retomamos nossos questionamentos iniciais: qual a concepção de trabalho escravo dos professores de Geografia da Escola Raimundo Ferreira Lima antes e após a implantação do Projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão”? Com base no conteúdo das entrevistas, não podemos afirmar que se trata de uma nova concepção de trabalho escravo compartilhada por todos. De um lado, os professores em conjunto demonstram que o projeto foi importante e que compartilham de uma nova concepção de trabalho escravo, porém não realizam um debate aprofundado sobre as bases teórico-conceituais dessa modalidade de trabalho, fazendo uso apenas de novos materiais didáticos e técnicas de ensino. Nesse sentido, não podemos também apenas classificar essa prática como libertadora, mas reconhecer que há um empenho em mudar as aulas de Geografia e o pensamento sobre o tema do trabalho escravo. A concepção e as práticas dos professores caminham para uma perspectiva libertadora, porém ainda encontram muitos obstáculos.

Por outro lado, como é representado o trabalho escravo no ensino de Geografia na E. M. E. F. Raimundo Ferreira Lima antes e após a implantação do Projeto “Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão”? Quanto a essa questão, observamos a introdução de novas práticas didáticas e técnicas de ensino, tais como: júri simulado, peças teatrais, produção de paródias, poesias, músicas, produção de folhetos informativos, entre outros; que acabam por diversificar as aulas sobre o tema do trabalho escravo e, além disso, representam a luta contra o trabalho escravo não apenas na sala de aula, mas como uma prática combativa que envolve denúncias por parte dos alunos e da comunidade escolar. Nesse sentido, o ensino do trabalho escravo a partir de uma concepção renovada é fundamental, para que os alunos

possam identificar no cotidiano a existência atual de práticas de trabalho escravo e assim denunciar.

Conscientes que, de fato, a realidade dos trabalhadores não mudou, talvez seja neste aspecto que devam se concentrar os esforços e propor ações que venham mudar o estado das coisas; que possamos impor limites tanto para os nossos sonhos quanto para o andar dos acontecimentos do dia a dia.

Conhecer a realidade é ter nas mãos a oportunidade de transmitir aos nossos alunos o outro lado da história o lado da dignidade da pessoa humana, pois não há de se falar em dignidade sem respeito à integridade física, mental e moral do ser humano, sem que haja liberdade, autonomia e igualdade em direitos, sem, enfim, serem asseguradas as condições mínimas para uma vida com gosto de viver. Que devemos encontrar os mecanismos suficientes para erradicar esse problema social e econômico.

Entende-se por outro lado que o ensino de geografia requer ações revolucionárias libertadoras que permitam a superação dos desafios e seja capaz de transformar pensamentos e promover no aluno o desejo de busca por inovações. Que nossos alunos sintam-se livres para realizar novas descobertas e possam assim desvendar novos horizontes que permitam sentir-se corajosos e capazes de lutar pelos seus direitos.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de. **Fronteiras da Globalização**. São Paulo: Ática, 2010.

BRASIL. **PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS**: história, geografia/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Território da Cidadania Sudeste Paraense, Disponível no: [http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/sudesteparaensep a/one-community?page\\_num=0](http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/sudesteparaensep a/one-community?page_num=0) Acesso em: 13/05/2014.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LENCIONI, Sandra, « Acumulação primitiva: um processo atuante na sociedade contemporânea ». Disponível no: <http://confins.revues.org/7424> , Acessado em: 10/03/2013.

LOPES DE CAMPOS, Marília. **As narrativas e seus narradores**: histórias contadas por quem não tinha terra. Rio de Janeiro. 2010: Disponível em: <[http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1267535667\\_ARQUIVO\\_Na rrativaseeusnarradores-historiascontadasporquemnaotinhatterra.pdf](http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1267535667_ARQUIVO_Na rrativaseeusnarradores-historiascontadasporquemnaotinhatterra.pdf)> Acesso em 15/05/2014.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

REPOTER BRASIL. Missão da Repórter Brasil. Disponível no: <http://reporterbrasil.org.br/quem-somos/> , Acesso em: 10/05/2014.

SAKAMOTO, Leonardo. Trabalho escravo contemporâneo. Disponível no: <http://www.jornalgazetadopovo.com.br>, Acesso em: 01/08/2013.

DOS SANTOS, José Antônio Lobo. A geografia da Acumulação por Despossessão. Disponível no: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/internacional/geografia-da-acumulacao-por-despossecao#sthash.PdExi11J.dpuf> , Acesso em: 26/03/2014.

UOL EDUCAÇÃO. Brasil tem cerca de 30 mil trabalhadores escravos. Disponível no: <http://wap.educacao.uol.com.br/geografia/escravidao-brasil-tem-cerca-de-30-mil-trabalhadores-escravos.htm> , Acesso em: 16/04/2014.

VESENTINI, José William. **Educação e o ensino da geografia**: instrumentos de dominação e/ ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.). A geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2011.

## Anexos

Barbie



Peça teatral - 2ª B  
Direitos humanos.

Conário

A) Em uma rua crianças abandonadas brigam entre si. Ao passar uma senhora idosa, os chamam para conversar juntamente com o seu netinho Pedrinho.

Vovó: Pare! Isso vai contra os direitos humanos.

Abandonado I: Ai, ai agora eu vi, e o que é isso dona?

Vovó: São direitos que pertencem a todos os seres humanos, em razão da dignidade.

Abandonado II: Perdeu dignidade? (para Pedrinho)

Pedrinho: É o valor absoluto, que toda pessoa tem dentro de si, se é gente tem de ser respeitado por todos os demais.

Abandonado III: Não entendo, o por quê dessa sua preocupação vovó, a senhora não nos conhece! (Grado)

Vovó: É verdade, mas os direitos humanos, eles não deixam de existir, nem podem ser retirados das pessoas, porque ninguém perde sua condição de ser humano.

B) Todos os abandonados se entreolham (sem aceitarem muito a ideia).



Barbie

Um deles questiona: (irritado)

- ★ Abandonado III: Mas não somos nós que iremos fazer esse negócio aí dar certo, ninguém se preocupa conosco! ★
- Pedrinho: (Entra na conversa rapidamente) Na realidade, todas as pessoas devem promover os direitos humanos.
- Vovó: É isso mesmo, devemos garantir os direitos fundamentais individuais e coletivos.
- Pedrinho: Posso dizer vovó alguns são.
- Vovó: claro, que sim.
- ★ Pedrinho:
  - a) direito à vida;
  - a) liberdade;
  - a) integridade física, ou seja, não brig
  - a) educação;
  - a) saúde;
  - a) igualdade de tratamento igualitário perante a lei.
- C) Agora, a vovó se despede, deixando claro a satisfação (alegria) em orientá-
- Vovó: Tchau, até logo.
- Pedrinho: Não esqueçam, passe à diante

★ D) Paem de cena deixando os meninos pensativos.

Pim

Barbie



Elenco

\* Incentivador da plateia - mailson

\* Jovô - Paylla

\* Pedrinho - Fabricio

Abandonados - substituição

• 1 - Jagner Tiago Barros

• 2 - Fernando David

• 3 - meises Carlos Ribeiro

Coadjuvantes: ABANDONADOR (COADJUVANTES)

Jessica

Yara

Tiago Barros Kathelen

Gustavo

SCHOOL IS COOL!

Anexo

Naródias

Libertação

De que me adianta viver trabalhando se com o meu trabalho não dá pra comer todo dia inteiro quando chega a noite fico (umam) imaginando o que vou fazer eu fico pensando o que vou fazer quando se trabalhar tanto e continuo dizendo que vou exercer por que quando (paulo) pouco se trabalha muito vive no sufoco eu espero um dia sair da escravidão através da lei da constituição.

A minha senhora que tempo se ficou estava arrependido de ter aqui chorado com essa pobre vida meu tempo alegria só espero um dia ser libertado pois fugiu alguém sem ser ele arriado e logo voltar com a situação estou contrariado mais não desisto do já tendo a vitória no meu coração.

O minha mãezinha eu já te falei o trabalho é duro mais eu vou aguentar eu te amo tanto você é minha vida vou sair daqui e vou estudar vou ser um doutor ou um delegado vou ser um juiz ou um advogado não é o meu coração é minha paixão Deus te fez perfeita com (os) amor no coração.

Junto com o meu pai eu já trabalhei de credito muito em mim mais com fé em (d) Deus eu vou trabalhar ter uma vida boa e te sustenta eu não sou escravo sou uma pessoa que já sofreu muito sem condição fui discriminado e bem humilhado mais tendo caráter eu sou um (sou) cidadão.

Anexo



Barbie

Escriturinha



Poesia



Chega de sofrimento

Chega de exploração

Seu um jovem trabalhador

escravo do meu patrão



Ho alma vaidosa

Tenha pena de mim



Estou cansado de ser escravo



mão dá pra viver assim



Quero liberdade,

respeito e amor

Só quero ser feliz

Por'fá não respeite essa dor



Atemos todos com garra e  
determinação

Por'fá assim acabaremos

com toda essa escravidão



(Ana Paula Louzã)

7<sup>a</sup> A



Anexo



Barbie

Poesia

Tenho a alma machucada  
 e um corpo indefeso  
 Pais usei apenas um escudo  
 sem direito e sem valor

Quero minha liberdade  
 respeito e amor  
 Pais foi comi de ser escravo  
 um grande vifredo

Trabalho o dia inteiro  
 não tenho tempo para comer  
 use eu continuo sendo escravo  
 meu destino é morrer

Quero do meu pai  
 escute o meu domo  
 abraça me na exorcidade  
 e dê minha o meu valor

Mykaelly 7<sup>o</sup> A



Anexo

Barbie

Escrituras



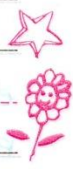
Poesia

Chega de sofrimento  
Chega de exploração  
Sou um jovem trabalhador  
Escrevo do meu patrão

Há alma vaidosa  
Tenha pena de mim  
Estou cansado de ser escravo  
Mão dá pra tirar assim

Quero liberdade,  
respeito e amor  
Só quero ser feliz  
Quei fô não respeito essa vida

Temos todos com coragem e  
determinação  
Resolvo assim acabaremos  
com toda essa escravidão



Ana Paula Lourenço 7<sup>a</sup> A

SCHOOL IS COOL!



Anexo

**DIREITOS DO TRABALHADOR**

**Cântico da rotina**

Ana Miranda

- Todo trabalhador tem direito a bocejar
- Todo trabalhador tem direito a ganhar flores
- Todo trabalhador tem direito a sonhar
- Todo trabalhador tem direito a ir ao banheiro
- Todo trabalhador tem direito a manteiga no pão
- Todo trabalhador tem direito a promoção
- Todo trabalhador tem direito a ver o pôr-do-sol
- Todo trabalhador tem direito a um cafezinho
- Todo trabalhador tem direito a ler um livro
- Todo trabalhador tem direito a um rádio de pilha
- Todo trabalhador tem direito a sorrir
- Todo trabalhador tem direito a ganhar um sorriso alheio
- Todo trabalhador tem direito a ficar gripado
- Todo trabalhador tem direito a peru de Natal
- Todo trabalhador tem direito a festa de aniversário
- Todo trabalhador tem direito a jogar pelada
- Todo trabalhador tem direito a dentista
- Todo trabalhador tem direito a andar nas nuvens
- Todo trabalhador tem direito a tomar sol
- Todo trabalhador tem direito a sentar na grama
- Todo trabalhador tem direito a viagem de férias
- Todo trabalhador tem direito a catar conchas numa praia deserta
- Todo trabalhador tem direito a dizer o que pensa
- Todo trabalhador tem direito a pensar
- Todo trabalhador tem direito a saber por que trabalha
- Todo trabalhador tem direito a se olhar no espelho
- Todo trabalhador tem direito a seu corpo e sua alma

Reescreva três versos do poema completando-os com outros direitos que você considera importantes para o trabalhador.

- Todo trabalhador tem direito a \_\_\_\_\_
- Todo trabalhador tem direito a \_\_\_\_\_
- Todo trabalhador tem direito a \_\_\_\_\_

Anexo



## Anexo 07

### TRABALHO ESCRAVO

Por dignidade o trabalhador sempre lutou  
Com seu sangue derramado essa terra adubou  
Um jardim de sonho dentro de cada um brotou

Ao se tornar escravo, nas de gado  
Vão pros roçados, até findar o dia  
Sem descanso na semana, na maior agonia

A noite vão para o alojamento, que une todos  
Numa dor immana  
Alojamento este que é apenas um quadrado  
Sem porta e nem janela

Os trabalhadores são obrigados a dormir  
Com bichos dentro dela  
Vigiados por capangas que ficam de sentinelas

Enquanto para o fazendeiro, o trabalhador  
Tiver utilidade, vai morrendo de sol a sol  
Na grande propriedade

Se alguém adoecer é logo dispensado  
Pelo gato e o fazendeiro  
Que são dois desalmados

Não explore uma pessoa de bem  
Pois Judas de certa forma  
Por trinta moedas de prata  
Explorou **CRISTO** também

Aluno:  
Felipe Almeida Melo  
7ª Série B

Aluna:  
Daiane Costa  
7ª Série B

Anexo

Anexo 08

O TRABALHADOR ESCRAVO NA TERRA

Acordo de madrugada  
Vou amolar minha enxada  
Sou um trabalhador escravo  
Sem dinheiro e sem nada

Venho em cima de caminhão  
Já venho devendo meu patrão  
Chego na fazenda só muito mato  
Pra capinar, se quiser comer  
Tenho que pagar

Se alguém lhe falar  
Você pode até não acreditar  
Mais o trabalho escravo existe  
Você tem que verificar

Gosto de trabalhar, mais desse jeito não dá  
Se quebra uma ferramenta tenho que pagar  
Nem penso reclamar  
Porque o gato pode não gostar

Desse jeito não posso continuar  
O remendo é CPT procurar  
Para maus tratos denunciar  
Receber meus direitos  
E voltar pra casa satisfeito

Ha Nossa Senhora  
Que tempo sofrido  
Estou arrependido  
De ter aqui chagado

Com essa pobre vida  
Não tenho alegria  
Só espero um dia  
Ser libertado

Como uma nova vida  
Estou de partida  
Já estou sonhando  
Com a liberdade

Pois fugiu à quem  
Em ser de avião  
Logo vira  
Com a solução

Estou contrariado  
Mas não derrotado  
Já tenho a vitória  
No meu coração

3ª e 4ª Séries B

Aluno:  
Felipe Almeida Melo  
7ª Série B

Anexo

## Anexo 09

### PARODIA: SAUDADE DA MINHA TERRA

De que me adianta  
Viver trabalhando  
Se meu trabalho  
Não dá pra comer

Há Nossa Senhora  
Que tempo sofrido  
Estou arrependido  
De ter aqui chagado

Luto o dia inteiro  
Quando chega a noite  
Fico imaginando  
O que vou fazer

Com essa pobre vida  
Não tenho alegria  
Só espero um dia  
Ser libertado

Eu vivo pensando  
O que estou fazendo  
Se trabalho tanto  
E continuo devendo

Como uma nova vida  
Estou de partida  
Já estou sonhando  
Com a liberdade

Sei que sou escravo  
Porque ganho pouco  
Se trabalho muito  
E vivo no sufoco

Pois fugiu à guilhotina  
Sem ser de avião  
E logo vira  
Com a solução

Espero um dia  
Sair da escravidão  
Através da lei  
Da constituição

Estou contrariado  
Mas não derrotado  
Já tenho a vitória  
No meu coração.

Cantado pelo:  
Coral 5ª Série B

3ª e 4ª Séries B

Anexo

## Anexo 10

### LIBERDADE

5ª Série B

Liberdade vem e canta e saúda este novo sol que vem.  
Canta com alegria o escondido amor que no peito tem.  
Mira o céu azul, espaço aberto pra te acolher.  
(Bis) ê ê ê.

Liberdade vem e pisa este firme chão de verdades ramagens.  
Canta louvando as flores que ao bailar do vento fazem sua mensagem.  
Mira essa flores abraço aberto pra te acolher.  
(Bis) ê ê ê.

Liberdade vem e pousa nesta dura América triste e vendida.  
Canta com os seus gritos nossos filhos mortos e a paz ferida.  
Mira este lugar, desejo aberto pra ti acolher.  
(Bis) ê ê ê.

Liberdade, liberdade, és o desejo que nos faz viver.  
É o grande sentido de uma vida pronta pra morrer.  
Mira o nosso chão banhado em sangue para reviver.  
Mira nossa América banhada em morte pra renascer.  
(Bis) ê ê ê.

*Aluna Luana*

Conscientizar para não escravizar! Porque a escravidão não tem perdão.

Cantado pelo:  
Coral 5ª Série B

Diga não a escravidão, e sim a liberdade, pois escravidão é escundão e  
liberdade é felicidade

*Aluna Fernanda*

Anexo



## ESCRAVO, NEM PENSAR - SÃO GERALDO DO ARAGUAIA (PA)

• **QUEM REALIZOU:** Escola Municipal Raimundo Ferreira Lima, localizada na cidade.

• **A IDEIA:** Conscientizar alunos e alunas e a comunidade sobre direitos humanos e trabalhistas, promovendo ações que possam contribuir para erradicação do trabalho escravo.

• **COMUNIDADE E PODER PÚBLICO:** O projeto desenvolveu várias atividades que envolveram grande parte da comunidade escolar e entidades do poder público, como a Promotoria de Justiça da Comarca de São Geraldo do Araguaia, a Polícia Militar, a Secretaria do Meio Ambiente e o Departamento de Trânsito Municipal. O objetivo era conscientizar tanto professoras e lideranças como alunos e alunas sobre os direitos humanos e trabalhistas.

• **AS ATIVIDADES:** A abordagem da temática buscou abranger os direitos humanos em sua amplitude, não se limitando ao trabalho escravo. Estudantes participaram de seminários, exibição de filmes, paródias, peças teatrais, confecção de cartazes, panfletos e camisetas. Também realizaram uma simulação de júri na qual o réu foi julgado por abusar sexualmente de sua enteada; o enredo contou com a colaboração do promotor de justiça Dr. Celsimar Custódio.

Todas as produções realizadas no decorrer do projeto foram apresentadas à comunidade, que compareceu em peso ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais para prestigiar as apresentações. No dia anterior, a escola já havia reunido comunidade escolar, mães e pais para realizar uma passeata pela cidade alertando a população sobre a exploração sexual, trabalho infantil e trabalho escravo. O percurso contou com a colaboração do Departamento de Trânsito Municipal que ofereceu segurança aos participantes.

• **ESCOLA COMO REFERÊNCIA:** Por desenvolver projetos sobre trabalho escravo há três anos, a escola tem se tornado um importante local de referência para prevenção e divulgação das formas de aliciamento. Com a crescente participação da comunidade nas atividades, as idealizadoras do projeto avaliam ter conseguido atingir seu objetivo: promover ações por meio da educação e da conscientização que contribuam para erradicar o trabalho escravo rural.

Hoje a nossa comunidade consegue diferenciar o que é trabalho semelhante ao de escravo; conhecem os Direitos Humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente, os quais enfatizamos e foi bem discutido entre pais, alunos e professores. Durante o período de três anos que estamos desenvolvendo o projeto, a nossa escola tem dado passos largos em relação à melhoria da qualidade de vida e hoje toda a comunidade escolar consegue olhar a vida com novos horizontes e são críticos o suficiente para buscar seus direitos e deveres quando necessário. O nosso compromisso enquanto profissionais é de dar continuidade a esse programa que é de grande valia e automaticamente está inserido em nosso plano de ação para 2011

professora Maria Oneida Costa Lima



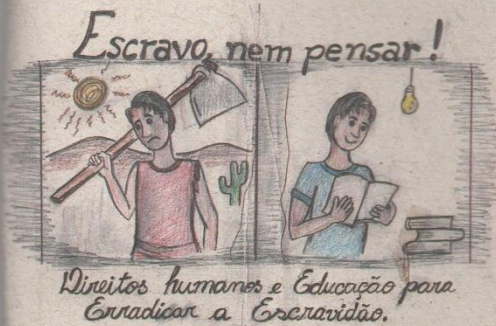


Apresentação da simulação de júri que contou com a colaboração do promotor de Justiça da Comarca de São Geraldo do Araguaia, Dr. Celsimar Custódio



Comunidade escolar em passeata por São Geraldo para alertar a população sobre os perigos do aliciamento para o trabalho escravo e sobre seus direitos trabalhistas

Alunos e alunas mostram faixas que produziram para carregar durante a passeata; o projeto também abordou o trabalho infantil



Desenho elaborado por aluno com o nome do projeto

Alunas apresentam suas produções para o público na culminância do projeto, que contou com a participação de mais de 300 pessoas



Anexo

**TRABALHO ESCRAVO**

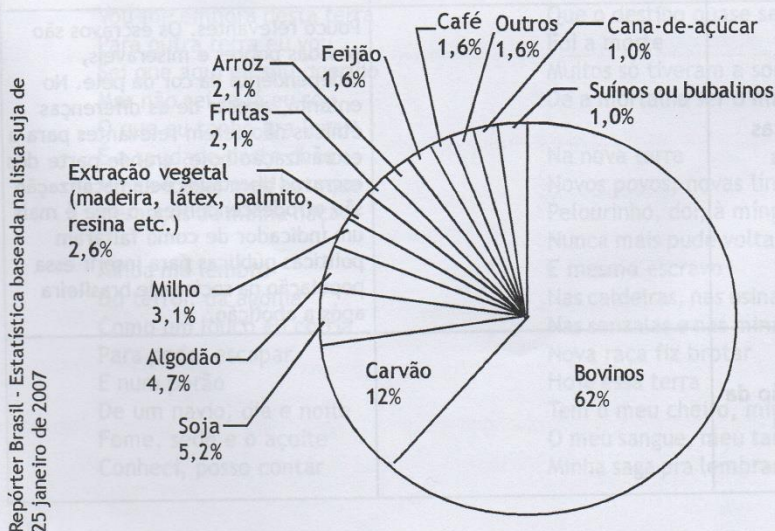
## A quem o trabalhador pode denunciar?

Muitos peões que deixam as fazendas denunciam as péssimas condições e os maus tratos que sofreram. Algumas entidades específicas ouvem os relatos e encaminham as informações para o Ministério do Trabalho e Emprego. São elas:

- a Comissão Pastoral da Terra (CPT)
- os sindicatos de trabalhadores rurais
- os centros de direitos humanos
- as Delegacias Regionais do Trabalho (DRTs)
- a Polícia Federal

A fiscalização só é enviada a uma propriedade quando a denúncia é consistente. Por isso, é importante que se tenha bastante informação sobre o caso: **o nome, a localização da fazenda, em quais condições se encontram os trabalhadores e quais atividades eles exercem.** A Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), ligada ao MTE, recebe e faz uma triagem dos casos mais graves, já que as equipes existentes são insuficientes para fiscalizar todos os relatos. **É importante ressaltar que a identidade daqueles que denunciam é mantida em sigilo.**

### Principais atividades econômicas das fazendas na lista suja de janeiro de 2007



Repórter Brasil - Estatística baseada na lista suja de 25 janeiro de 2007

Anexo

### Fiscalização: quem faz parte do Grupo Móvel?

Integrantes	Qual é o papel deles?	Instituição a que pertencem
Audidores Fiscais do Trabalho	Averigam as condições em que se encontram os trabalhadores em propriedades denunciadas e aplicam multas quando encontram irregularidades. Também resgatam os trabalhadores se a fazenda não tiver condições de mantê-los ali ou se não quiserem permanecer no local.	Ministério do Trabalho e Emprego
Policiais Federais	São responsáveis pela segurança da equipe, apreensão de armas e prisão de "gatos". Também investigam os crimes cometidos, como aliciamento, redução de trabalhadores à condição análoga à de escravo, tortura e agressão, e abrem inquéritos que servirão de base para a ação criminal na Justiça.	Polícia Federal
Procuradores do Trabalho	Reforçam a atuação dos auditores fiscais, com medidas judiciais urgentes, como solicitar o bloqueio de bens dos acusados se eles não quiserem pagar os direitos devidos aos trabalhadores libertados. Recolhem dados e informações para ingressarem na Justiça do Trabalho com ações civis públicas e ações civis coletivas, para que o fazendeiro pague indenizações.	Ministério Público do Trabalho
Procuradores da República	Colhem informações e provas para entrar com ação criminal na Justiça contra os responsáveis por esses crimes.	Ministério Público Federal

### Escravos libertados

	De 1995 até 2006	Em 2007 (até novembro)
Piauí	193	163
Maranhão	2.047	340
Bahia	2.140	175
Tocantins	1.855	65
Mato Grosso	4.572	108
Pará	8.067	1.700

Fonte: CPT

Anexo

## COMBATE AO TRABALHO ESCRAVO

### O que diz a **Legislação Brasileira?**

O **artigo 149** do Código Penal trata do crime do trabalho escravo, ou como é escrito na lei, da redução de alguém à condição análoga à de escravo. A legislação que trata do trabalho escravo não é nova, muito menos desconhecida. Além disso, os proprietários rurais que escravizam o trabalhador, na maioria das vezes, são pessoas estudadas, que vivem nos grandes centros urbanos do país e que sabem exatamente quais são seus deveres como patrões.

O **artigo 207** do Código Penal trata do aliciamento, crime cometido por muitos “gatos”, que recrutam trabalhadores para atuarem em outra localidade do território nacional. Muitas vezes fazem propostas de emprego enganosas, transportam os trabalhadores para as fazendas, sem que saibam as reais condições de trabalho, cobram alguma quantia deles ou não garantem o retorno ao local de origem.

A **Constituição Federal**, de 1988, diz que quem possui uma propriedade rural deve cumprir a função social da terra, caso contrário o governo federal deve desapropriá-lo para fins de reforma agrária. Isso quer dizer que o proprietário é o responsável por tudo o que ocorre nos domínios da sua fazenda. Por isso, o fazendeiro tem o dever de acompanhar com frequência a ação dos funcionários que administram sua propriedade para verificar se estão cumprindo as leis, além de garantir que a contratação dos trabalhadores seja feita de acordo com as normas estabelecidas pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Existem 12 projetos de lei de combate à escravidão que aguardam aprovação no Congresso Nacional. O mais importante deles, a **Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 438**, espera há mais de uma década para ser votada. Ela propõe que sejam confiscadas as terras onde forem encontradas situações de trabalho escravo. Se for aprovada, o fazendeiro que cometer esse crime perderá sua propriedade e não terá direito a receber nada em troca. Atualmente, a lei já permite que uma terra seja desapropriada para fins de reforma agrária, se não cumprir sua função social. Nesse caso, o dono da fazenda perde sua propriedade, mas tem direito a indenização.

#### Conheça alguns projetos de lei que esperam aprovação

**PL-2130/1996** - O projeto prevê que trabalho infantil ou escravo também configurem crime contra a ordem econômica. A justificativa é que esses crimes são mecanismos ilegítimos de redução dos custos de produção. O projeto está parado na Câmara desde janeiro de 2004.

**PLS 208/2003 (Senado) ou PL-5016/2005 (Câmara)**- Aumenta as penas para trabalho escravo e aliciamento. No primeiro, passaria para no mínimo cinco e no máximo dez anos de prisão e, no aliciamento, para no mínimo quatro e no máximo oito. Equipamentos da propriedade seriam levados a leilão e o recurso gerado seria utilizado preferencialmente para fiscalização. Prevê também uma multa de dez salários mínimos por trabalhador flagrado. Aprovado no Senado, aguarda votação na Câmara.

**PLS 25/2005** - Prevê a criação de uma lei para a já existente “lista suja” do trabalho escravo. A lista será divulgada semestralmente e empresas infratoras aparecerão nela por dois anos. Para sair da lista, será necessário comprovar a quitação dos encargos trabalhistas e previdenciários. Parado no Senado, já obteve parecer favorável do relator, o senador César Borges (PFL-BA). De acordo com sua assessoria, depende do interesse das lideranças políticas da casa para seguir em frente.



Anexo

## Anexo 15

Escola Municipal de Ensino Fundamental RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Avenida Presidente Vargas, s/nº - Centro

São Geraldo do Araguaia - Pará

**PROJETO:** "Direitos Humanos e Educação para Erradicar a Escravidão"

### ***Apresentação do grupo***

Todo o corpo docente e administrativo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ferreira Lima.

### ***Objetivo geral***

Erradicar o trabalho escravo em nosso município, promovendo ações que conscientizem alunos, comunidade escolar e sociedade civil dos indicadores dessa exploração.

### ***Objetivos específicos***

- conscientizar os jovens inseridos no mercado de trabalho e a população desempregada em geral, sobre os perigos do trabalho escravo;
- orientar a todos os envolvidos no projeto a respeito dos Direitos Humanos para o exercício pleno da cidadania;
- Identificar situações análogas ao trabalho escravo;
- Mobilizar a sociedade por meio de rádio, carro de som, folders e cartazes sobre a importância do evento.

### ***Justificativa***

Sabemos que na história do Brasil, seu desenvolvimento e independência foram muito lentos. E em se tratando de "trabalho escravo", embora a abolição da escravatura já tenha acontecido à muito tempo, por via de lei é visível que essa libertação ainda não tenha se concretizado na prática.

Em nosso município não é diferente, muitos dos jovens tentam conciliar trabalho e escola e as vezes desistem por causa das condições que são submetidos. seus pais na grande maioria são desempregados e vão para as fazendas distantes em busca de empregos. Esse projeto permitirá que eles identifiquem situações análogas ao trabalho escravo e com isso possa erradicá-lo.

### ***Público alvo***

Jovens da escola, população desempregada, pessoas que trabalham no comércio e indústrias da cidade e no campo.

## ***Metodologia***

- Apresentação do projeto à comunidade escolar e entidades parceiras através de cartazes e roda de conversa no pátio da escola. A comunidade escolar será convocada por meio de avisos orais e escritos.
- Pesquisas em fontes diversas sobre o trabalho escravo, trabalho degradante e outros;
- Produção de textos, paródias, peças teatrais, jograis, cartazes, painéis e panfletos;
- Organização de grupos de danças relacionados ao tema do projeto;
- Seminários (5ª a 8ª séries);
- Exibição de filmes para os alunos em sala de aula: e sessão especial a comunidade em praça pública;
- Divulgação do projeto com meios de comunicação disponíveis.
- Palestras com simulação de júri, dramatização e paródias em dois espaços públicos abertos à comunidade;
- Caminhada seguida de concentração em praça pública para exposição de trabalhos produzidos durante o desenvolvimento do projeto.

## ***Recursos Humanos***

Todos os professores irão orientar e coordenar as pesquisas, as produções de textos, peças teatrais, paródias, jogral, cartazes, painéis e panfletos. Os professores de 5ª a 8ª séries irão organizar e executar seminários. O corpo administrativo, docente e discente organizará a exibição em outros espaços públicos da cidade. Contaremos com a ajuda de um frei e um juiz para a execução de palestras e ainda com técnico de informática da comunidade. Como convidados estarão participando escolas locais, Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Pará, Comissão Pastoral da Terra, Associação de Bairros, Conselho Tutelar, Secretaria de Assistência Social, Associação Comercial e Industrial de São Geraldo do Araguaia, Centro de Direitos Humanos e cooperativas prestadoras de serviços.

## ***Parcerias***

O projeto vai contar com participações especiais com palestrantes: Frei Henri de Rosiers da Pastoral da Terra de Xinguara - Pará, do Juiz de Direitos da Comarca de São Geraldo do Araguaia - Pará Dr. Gabriel Costa Ribeiro e Promotora Pública da Comarca de São Geraldo do Araguaia - Pará Dra Lilia Viana Freire. Contaremos ainda com o apoio da Secretaria de Educação SEMED que se comprometeu conseguir o espaço: Tupinambá Shows e Eventos para o acontecimento de palestras, dramatizações, paródias, danças. Contaremos ainda com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais cedendo seu auditório para realização de palestras e simulação de júri.

**Cronograma de ações do dia 26/02/2008 a 30/05/2008**

<b>Ações</b>	<b>Fe v</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Ago</b>	<b>set</b>
Elaboração do Projeto	X						
Apresentação do Projeto				X	X		
Pesquisa sobre trabalho escravo e degradante				X	X		
Produção da dramatização e paródias				X	X		
Organização e execução de seminários					X	X	
Produção de simulação de júri e ensaio de dança						X	
Confecção do cenário e figurinos						X	X
Exibição de filmes				X	X	X	
Divulgação do projeto						X	X
Palestra com simulação de júri							X
Culminância, caminhada e exposição dos trabalhos							X
Avaliação do projeto							X
Elaboração do relatório							X

Anexo

## Anexo 16

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: ROSIMEIRI PÊGO DE MACEDO

FORMAÇÃO: GEOGRAFIA

TEMPO DE FORMAÇÃO: 10 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA E EEEM  
MACÁRIO DANTAS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Rosimeiri - "Era e falado mais não assim com tanta ênfase como foi depois do projeto. Antes a gente falava na sala dos conteúdos relacionados aquela escravidão do passado que envolveu os negros vindos da África, estudamos também os lugares onde ela ocorreu. depois do Projeto passamos a trabalhar os diversos tipos de escravidão que existe na atualidade e de que forma a mesma está distribuída no território brasileiro".

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Rosimeiri - "Quando se fala em população, trabalho que vai falar sobre os modos de trabalhos sobre empregos sem procurar a dar ênfase em questão ao trabalho escravo com os empregos aqui existente aqui na região agente fala sobre esses modos de trabalho".

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Rosimeiri - "Baseado no livro didático e através de alguns textos complementares. me recordo das dificuldades encontradas para localizar conteúdos relacionados ao tema do trabalho escravo alguns anos atrás para trabalhar a disciplina de geografia.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Rosimeiri - "Em morarmos em uma região que existe trabalho escravo então pegamos a proposta aí com a Repórter Brasil que ela se enquadraria na nossa realidade".

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Rosimeiri - "Foi boa, os alunos mostraram-se animados e dispostos a participarem do grande desafio".

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar "com que objetivo". Se a resposta for não, perguntar por quê?).

Rosimeiri - "Foi feito pela ONG que já tinha a geografia, né e nós professores e escolas também já sabia dessa" ....

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Rosimeiri - "Não existe aí a ONG .. Na verdade a escola faz o trabalho de conscientização, esclarecimento aí a ONG Repórter Brasil aí tem essa..."

Carleny - O projeto oferece esse suporte às possíveis vítimas?

Rosimeiri - "Não teve caso".

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Rosimeiri - "Aciona o Conselho Tutelar".

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Rosimeiri - "Aproveitamos materiais novos, metodologias diferentes para apresentações de júri, pesquisas, simulados, seminários procuramos fazer de forma com que eles voltassem pra essa temática. Com o trabalho rural e o trabalho em comércio".

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do "Trabalho escravo" para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Rosimeiri – Sim.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Rosimeiri - "Sempre e feito com perguntas, mais assim sistematizado mesmo não".

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Rosimeiri - "Utilizamos recursos pela escola e pela ONG Brasil e utilizamos a tecnologias. Mais e feita por Dramatização mesmo".



**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: DINALMI DOS SANTOS FIGUEREDO

FORMAÇÃO: PEDAGOGIA

TEMPO DE FORMAÇÃO: 05 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Dinalmi - "Era e falado mais não assim com tanta ênfase como foi depois do projeto".

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Dinalmi - "Através de palestras e informação".

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Dinalmi - "Baseado no livro didático e Pelo diálogo mesmo".

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Dinalmi - "A falta de conhecimento do que vem a ser o trabalho escravo e pela própria região ser afetada".

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Dinalmi - "Foi boa".

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino

aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Dinalmi - "Foi feito pela ONG Repórter Brasil".

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Dinalmi - "A escola procura orientar seus alunos".

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Dinalmi - sim. Além de orientar acompanha até os órgãos competentes".

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Dinalmi -

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Dinalmi - "Houve sim. Elaboramos o projeto, planejamos entre nós professores, listamos as atividades e ações a serem desenvolvidas, montamos um cronograma de tudo o que seria realizado. Todos os professores participaram".

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Dinalmi - Sim

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Dinalmi - "Antes os professores não tinham muita noção e trabalhavam assuntos relacionados ao livro didático e depois da implantação do projeto ficamos motivados a pesquisar novos temas relacionados aos trabalho escravo

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Dinalmi - "Todos os educadores participam, coordenação e direção".

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: FRANCISCO DE ASSIS ALVES DA SILVA

FORMAÇÃO: HISTÓRIA

TEMPO DE FORMAÇÃO: CONCLUINTE UFT/TO – PARFOR TURMA 2010

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Francisco - Não tenho conhecimento mais, os alunos já tem uma noção do conhecimento um pouco.

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Francisco - Acho que e uma necessidade né? principalmente assim do ambiente que agente já viu sobre discriminação .

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Francisco - A falta de informação e a necessidade de informar nossos alunos do é trabalho escravo.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Francisco -Foi bom assim não teve...

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Francisco - Porque quando eu comecei aqui já tinha começado .

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Francisco - Essa questão vem da orientação relevado a esse caso ao conselho tutelar que e o único órgão que agente tem aqui.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Francisco - Essa questão com eu falei agora pouco que é levada ao conhecimento do Conselho Tutelar com a questão do atendimento e acompanhamento ai e levada ao conselho tutelar.

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Francisco – Sim. aconteceu caminhadas cartazes e vários outras, palestras mesmo.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: MARIA SONILVA ALVES DA SILVA

FORMAÇÃO: NORMAL SUPERIOR

TEMPO DE FORMAÇÃO: 11 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Sonilva - A discriminação da educação, pela cor mesmo.. uma pessoa faz uma graça ai a pessoa fala porque e preto.

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Sonilva – Não sei

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Sonilva – Não sei dizer.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Sonilva - Recebemos esse projeto, Foi até bom com aquele pequenos que sofre preconceito em casa ai agente está trabalhando com isso né porque hoje da até cadeia com relação ao preconceito.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Sonilva – Foi boa

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Sonilva - Tem suporte sim, faz palestras pra falar sobre isso.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Sonilva - teve sim e melhor o professor foi o professor de geografia que já entende melhor sobre esse conteúdo né..

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Sonilva - A gente faz palestras, livros trabalhos, fazemos pinturas com os pequenos..

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: RAIMUNDO BEZERRA DA SILVA

FORMAÇÃO: MATEMÁTICA

TEMPO DE FORMAÇÃO: 12 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Raimundo - Não sei por que eu não trabalhava aqui antes mais com os professores que temos hoje aqui na escola creio que sim, professores muito competentes.

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Raimundo - Pra mim também eu não estava na implantação, agora no ano que eu trabalhei foi bom com os alunos, inclusive eu trabalhei os percentuais com os alunos ou seja porcentagem então na turma de matemática fazemos isso então ouve uma busca, trabalharam o percentual de escravos do Pará, Rondônia.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Raimundo - Na região sudeste do Pará região norte há bastante casos.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Raimundo – Muito boa

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino



aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Raimundo - As possíveis vítimas até quando um projeto desse se está levando a sociedade ou seja um tema que as vezes é encoberto ou seja quando se leva um projeto desse a um esclarecimento que tem a questão do abuso e a exploração e as vezes as pessoas acha que tudo e uma coisa só .

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Raimundo - Eu vejo assim que a escola encontra-se em determinada situação... então a única solução que tem é levar para os órgão competentes .

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Raimundo – Eu não estava na época da implantação do projeto.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Raimundo - "com a participação da maioria dos professores e alunos"

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: EDNA MARIA DE JESUS SOUSA TUPINAMBÁ

FORMAÇÃO: NORMAL SUPERIOR

TEMPO DE FORMAÇÃO: 10 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Edna – Não sei

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Edna – Eles trabalhavam os conteúdos do livro didático e quando tinha algum relacionado ao trabalho escravo trabalhavam normalmente em sala de aula.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Edna – Que eu saiba apenas o livro didático.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Edna – Pela própria convivência entre os alunos e familiares. O projeto veio para despertar na comunidade escolar o interesse pelo conhecimento das leis.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Edna – Foi boa

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Edna – Foi feito pela ONG Repórter Brasil juntamente com a escola.

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Eles procuram orientar os alunos dos possíveis males.

Edna - Eu creio que e só orientação.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Edna - Oferece por que em seu desenvolvimento eles já ensinam quais os caminhos e possíveis soluções dos problemas.

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Edna – a escola já é parceira do Conselho Tutelar então já realiza um trabalho de orientação tanto do aluno como da família.

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Edna – Houve todo um processo de planejamento antecipado, montagem de cronograma de ações, pesquisas de novos conteúdos relacionados ao trabalho escravo.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Edna - sim

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Edna – A escola incentivada pela ONG Repórter Brasil realizou uma reunião sensibilizando a comunidade e ali percebeu-se a necessidade de desenvolver o projeto em nossa escola.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Edna – Foram elaborados com a participação dos alunos cartazes. Folderes, faixas, paródias, textos.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: ROSIVANE DA SILVA BARBOSA

FORMAÇÃO: HISTÓRIA

TEMPO DE FORMAÇÃO: 11 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Rosivane – Somente o que era proposto no livro didático.

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Rosivane – Através de leitura compartilhada, seminários e realização de atividades em sala de aula.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Rosivane – Os professores utilizavam o livro didático e alguns textos pesquisados pelos alunos.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu a adoção desse projeto?

Rosivane – A participação em um cursinho em Xambioá estado do Tocantins realizado pela ONG Repórter Brasil nos incentivou na implantação do projeto: “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Rosivane – Boa. Através de uma apresentação feita para a comunidade escolar percebemos o grande interesse, lembramos que alguns pais viviam nessas condições na época.

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo. Se a resposta for não, perguntar por que?”).

Rosivane – A ONG Repórter Brasil, alguns africanos, alguns americanos visitaram a escola para identificar a possibilidade de realização do projeto. Eles realizaram algumas entrevistas com os alunos.

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Rosivane – O suporte oferecido é o acesso a informação e o encaminhamento aos órgãos responsáveis.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Rosivane – Orienta a família e encaminha quando necessário aos órgãos responsáveis.

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Rosivane – Ouve o aluno, contacta com a família, orienta quando necessário para a resolução do problema.

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Rosivane – Houve sim, inclusive os professores participaram das peças teatrais. Realizamos apresentações fora do município nas cidades de Xambioá e Araguaina – Tocantins.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Rosivane – foi sim. A representante da ONG Repórter Brasil Caroline Motoki veio até a nossa escola e realizou entrevistas com os nossos alunos para avaliar o projeto.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Rosivane - Com a participação de alunos e professores que elaboraram folderes, cartazes, camisetas, gravaram DVDs.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: NEDYMA COSTA LIMA

FORMAÇÃO: PEDAGOGIA

TEMPO DE FORMAÇÃO: CURSANDO UFPA- PARFOR TURMA 2011

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Nédyma - Não

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Nédyma – Não é do meu conhecimento.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Nédyma – Eles trabalhavam textos e através de pesquisas embasando-se na própria história do Brasil na era colonial.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Nédyma - Principalmente por que na região, aqui nas fazendas acontece muito das pessoas trabalharem como escravos.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Nédyma - Foi boa. A maioria dos alunos do turno da noite são funcionários do comercio local, estudam na modalidade EJA e precisam conhecer seus direitos.



Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Nédyma – A escola junto a ONG Repórter Brasil fizeram uma apresentação do que seria o projeto, quais os objetivos e assim decidiram realizar o projeto na nossa escola.

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Nédyma – A escola conversa orientando e chama a família para comunicar.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Nédyma – Sim, no plano de ação da escola já está

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Nédyma – A escola faz um levantamento e acompanha até as autoridades,

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Nédyma – sim, temos isso no plano anual da escola.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Nédyma – Sim.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Nédyma – Através de roda de conversa

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Nédyma - “A maior parte do material foi confeccionado aqui mesmo na escola. Uma boa parte dos alunos uniram-se aos professores e juntos conseguiram montar o material a ser desenvolvido. Elaboramos cartazes, faixas, os alunos pesquisaram textos relacionados ao “trabalho escravo”, fizeram entrevistas com profissionais do comércio local. Os professores montaram material de pesquisa selecionando coletâneas de textos informativos, poesias e músicas. Me lembro que participaram da montagem do folder informativo e da eleição do desenho para camiseta a ser usado na culminância.”

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: MARILENE COELHO PEREIRA

FORMAÇÃO: LETRAS

TEMPO DE FORMAÇÃO: 05 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Marilene – Os professores de geografia já trabalhavam aqueles conteúdos relacionados a escravidão que vem no livro didático.”

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Marilene – Era trabalhado em forma de leitura seguida de atividades e até mesmo seminário.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Marilene – Não sei te dizer.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Marilene – Primeiro por que aqui na escola já temos uma história de luta. O marido da nossa Diretora foi assassinado quando era sindicalista. Morreu lutando por um salário digno então, a ONG Repórter Brasil veio nos procurar para saber se tínhamos interesse em realizar o projeto aqui na escola.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Marilene - Foi aceitável.

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Marilene – Sim, a ONG Repórter Brasil veio e através de reuniões feitas aqui na escola conseguimos identificar a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos.

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Aqui na escola nós orientamos os alunos e quando identificamos algum caso Marilene - Acionamos a família ou Conselho Tutelar quando necessário.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Marilene - Não sei informar

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Marilene - Reúne com pais ou responsáveis e depois orienta-os a tomar providencias.

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Marilene - Houve sim. Em todas as etapas do projeto as professoras de história, geografia e artes sempre tiveram o cuidado de buscar conteúdos relacionados ao trabalho escravo e repensar quais atividades seriam inseridas no cronograma a ser desenvolvido.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Marilene – Logo após a culminância de cada projeto reuníamos para debatermos os resultados obtidos e nesse momento os professores juntamente com os alunos faziam essa análise comparativa.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Marilene – Orientando os alunos, buscando nos textos complementares, jornais e revistas.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Marilene – Sempre buscamos envolver os alunos em tudo, desde a elaboração do projeto à realização do mesmo. Montagem de atividades, atividades de pesquisas, elaboração de poemas, paródias, músicas, cartazes, folders, faixas.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**  
CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: VILMEIDE MENDES LIMA SILVA

FORMAÇÃO: PEDAGOGIA

TEMPO DE FORMAÇÃO: 12 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Vilmeide – Trabalhava pouco

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Vilmeide – Algum texto e livro didático.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Vilmeide – A existência de focos de trabalho escravo na nossa região, até mesmo envolvendo o nosso alunado que trabalham no comércio local por horas excessivas. Na época tivemos a oportunidade de participar de uma palestra para informar a importância da inserção do projeto nas escolas. Nós gostamos e adotamos o projeto.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Vilmeide – Foi muito boa, receberam muito bem, se empolgaram.

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Vilmeide – Sim. Fizemos reunião na escola com a presença do pessoal da ONG Repórter Brasil que conversaram com alunos, pais de alunos e representantes da comunidade.

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Vilmeide – A escola acompanha cada caso orientando e encaminhando aos órgãos competentes quando necessário.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Vilmeide – Não especificamente, mas procura orientar os caminhos a que deve seguir.

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Vilmeide – Ouvir com atenção, atender à família quando necessário, contactar quando necessário os órgão competentes.

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Vilmeide – Grande preocupação. Quando vimos a imensidão que é trabalhar o tema “trabalho escravo” em nossa escola partimos para a grande busca por conteúdos diversificados, relatos, montagem de peças, produções de textos, poemas, relatos, seminários, enfim, mergulhamos profundamente para que pudéssemos alcançar nossos objetivos que era o de informar ao máximo aos nossos alunos o que vem a ser trabalho escravo.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Vilmeide – Antes não se tinha muita noção além do que vem no livro didático, agora os alunos já conseguem identificar e diferenciar o trabalho escravo. Hoje nosso alunado consegue inclusive buscar pelos seus direitos quando necessário.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Vilmeide – Com a participação dos professores, direção, coordenação. Os alunos são convidados a participarem. O material de apoio fornecido pela ONG Repórter Brasil é selecionado, entre eles DVD, Revistas, panfletos, cartazes, faixas. Além da organização do cronograma de atividades que é devidamente montado.



**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**  
CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: MARIA ONEIDE COSTA LIMA

FORMAÇÃO: HISTORIA

TEMPO DE FORMAÇÃO: 11 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Oneide – Trabalhava pouco, não tinha incentivo e nem material de apoio.

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Oneide – Usavam apenas o livro didático e algum texto relacionado ao trabalho escravo na época do Brasil Colônia.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Oneide – Inicialmente por vivermos em uma região onde ocorre principalmente nas fazendas índices de trabalho escravo, depois por que sentimos a necessidade de orientar nossos alunos do que vem a ser o trabalho escravo nos dias atuais.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Oneide – Os alunos receberam muito bem a notícia do projeto.

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Oneide - O pessoal que veio representando a ONG Repórter Brasil fez uma explanação do que seria trabalhado no projeto para a comunidade escolar. Foi muito interessante.

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Oneide - Atendendo os alunos quando necessário, ouvindo seus relatos, informando a família e orientando na busca dos seus direitos.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Oneide - A própria escola oferece suporte as vítimas com ou sem atuação do projeto.

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) Oneide - Quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Receber a vítima, ouvi-la e orientar junto aos familiares as atitudes a serem tomadas.

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Oneide – “Com certeza houve. Primeiro o incentivo da ONG Repórter Brasil que nos forneceu materiais de apoio como textos informativos, apostilas, filmes, DVDs contendo relatos. Os professores planejaram as atividades a serem desenvolvidas. A caminhada pelas ruas, as peças teatrais, o júri simulado, as palestras, a divulgação através de folders, documentários em DVD, cartazes, faixas serviu como um sinal de alerta aos moradores locais. Houve, inclusive a participação dos professores nas peças teatrais. Nós fomos apresentar no estado do Tocantins nas cidades de Araguaina e Xambioá e aqui no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Geraldo do Araguaia realizamos uma culminância do projeto com apresentações dos alunos”.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Oneide – Foi sim.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Oneide – Após a realização de cada projeto reunimos com alunos e professores, para realizarmos o diagnóstico da visão dos alunos acerca do trabalho escravo.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Oneide – Através de pesquisas, material pedagógico fornecido pela ONG Repórter Brasil, DVDs, revistas, livros.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.  
CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: AGNALDO DA COSTA VALES

FORMAÇÃO: MATEMÁTICA

TEMPO DE FORMAÇÃO: 11 ANOS

ESCOLA EM QUE TRABALHA: EMEF RAIMUNDO FERREIRA LIMA

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Agnaldo – Trabalhava apenas como informação.

Carleny - Descreva e se possível explique como esse tema era trabalhado.

Carleny - Qual embasamento teórico metodológico que os professores de geografia se pautavam para ensinar essa temática?

Agnaldo – Buscavam nos filmes, textos, jornais e revistas.

Carleny - Que fatores contribuíram para a implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”na escola? Fale um pouco do contexto em que aconteceu à adoção desse projeto?

Agnaldo – “O motivo da ONG Repórter Brasil ter procurado a nossa escola, na minha opinião, foi porque estamos diretamente relacionados com alunos que trabalham no comércio local cumprindo cargas excessivas de trabalho e na maioria das vezes não recebem um trabalho digno, também porque na nossa região existe um foco muito grande de pais de família que trabalham nas fazendas em condições de escravos. Então eu acredito que esses foram os principais motivos para se inserir o projeto aqui na escola”.

Carleny - Como foi a receptividade dos alunos quanto ao projeto?

Agnaldo – Foi bem recebido. Me recordo que foi passado um vídeo do Gobo Repórter apresentando as fazendas da nossa região sendo acompanhada por um grupo móvel no município de Piçarra, nosso vizinho.

Carleny - Para se inserir o projeto no âmbito escolar foi feito um levantamento que identificasse a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem? (Se a resposta for sim, perguntar “com que objetivo”. Se a resposta for não, perguntar por quê”).

Agnaldo – Através da ONG Repórter Brasil eles realizaram reuniões de sensibilização com a comunidade escolar.

Carleny - Que suporte é oferecido às possíveis vítimas, principalmente as que fazem parte do âmbito escolar (alunos) que eventualmente vivenciam essa situação?

Agnaldo - A escola trabalha orientando suas vítimas reunindo familiares e informando como se deve proceder dependendo do caso.

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Agnaldo – Através da orientação.

Carleny - Quais as estratégias adotadas pela escola (como executora do projeto) quando se deparam com essa realidade vivenciada por seus alunos?

Apoiar o a vítima no sentido de ouvir, orientar e acompanhar quando necessário.

Carleny - Houve uma preocupação em repensar formas e até conteúdos de trabalho envolvendo a temática que possam ir ao encontro dos interesses, que valorizem os saberes e aproveitem as competências que os alunos sempre têm diante dos fatos discutidos? Fale a respeito.

Agnaldo – Na montagem do projeto tivemos uma preocupação inicial de repensar conteúdos que realmente envolvesse a temática do trabalho escravo. Juntos, professores e alunos buscaram estabelecer tudo o que seria desenvolvido em forma de atividades.

Carleny - Foi feito um trabalho para diagnosticar a visão dos alunos acerca do “Trabalho escravo” para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto? Como foi?

Agnaldo – Depois da culminância de cada projeto era feita uma avaliação para diagnosticar a visão dos alunos e assim era feita essa comparação.

Carleny - Se a resposta for SIM, pergunte como os professores trabalhavam a temática antes e após o projeto.

Carleny - Se a resposta for NÃO, pergunte por quê.

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto? Como eles são elaborados?

Agnaldo – Com a participação dos alunos. Eram feitas faixas, cartazes, poesias, músicas, peças.

Anexo

## Anexo 17

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: ANA PAULA CESAR NASCIMENTO FERREIRA

SÉRIE: 9º ANO A

IDADE: 14 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Ana Paula - Sim

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Ana Paula - História e geografia

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo).

Ana Paula - Nós estudamos a Lei Áurea e descobrimos que foi criada para beneficiar outras coisas, que a princesa Isabel não estava pensando somente na libertação dos escravos.



Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Ana Paula – Os professores comentaram e informaram sobre o direito das pessoas.

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Ana Paula – Acho sim. Com essa aprendizagem a gente fica informado sobre o direito das pessoas.

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Ana Paula – Já sim

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Ana Paula – Já participei

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Ana Paula – não sei responder.

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Ana Paula – Eu não entendia muito e depois do projeto passei a ter mais entendimento, agora consigo perceber quando uma pessoa está sendo escravizada. me lembro que antes os professores quase não falavam de trabalho escravo e com o projeto isso mudou, a gente passou a conhecer o que é trabalho escravo nessa época e também procurar os direitos da gente se precisar.

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Ana Paula -

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Ana Paula – São sim ajudamos a fazer os cartazes, as faixas, produções de textos.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: ADRIELLE BARROS DA SILVA

SÉRIE: 9º ANO A

IDADE: 14 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Adrielle – Sim. Estudamos racismo e discriminação.

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Adrielle – História e Estudos Amazônicos

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo)

Adrielle – Leitura de texto e outras atividades.

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Adrielle – Sim, descobri que muitas pessoas sofrem racismo e discriminação.

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Adrielle – Acho sim, por que é bom aprender sobre o tema, sobre as coisas que acontecem.

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Adrielle – já sim.

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Sim. participei

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Não sei dizer.

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Adrielle – Antes eu não sabia muito como funcionava. Depois a gente já sabe como é que acontece o trabalho escravo.

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Não sei responder

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Adrielle – Sim. Participei da montagem de cartazes, faixas.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: ELAINE DA SILVA VASCONCELOS

SÉRIE: 9º ANO A

IDADE: 17 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Elaine - Sim

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Elaine – História e estudos amazônicos

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo)

Elaine – Através de textos, seminários e outras atividades.

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Não me lembro

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Elaine – Acho, porque é uma forma de mostrar que não se deve escravizar ninguém.

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Elaine – Sim

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Elaine – participei da passeata

Carleny - O projeto oferece esse suporte as possíveis vítimas?

Elaine – Sim, dando força.

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Elaine – Acho que a escola orienta seus alunos.

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Elaine – não sei se estou certa,mas hoje nós já sabemos dizer quando uma pessoa é escravizada.

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Elaine – Antes a gente só conhecia o trabalho dos escravos na época do descobrimento do Brasil, agora já sabemos dizer o que é trabalho escravo.

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Elaine – Sim, participei da confecção de faixas, cartazes, frases, poemas.

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: RAIOMAR DA SILVA MENDES

SÉRIE: 9º ANO A

IDADE: 14 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Raiomar – "Não tenho conhecimento".

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Raiomar – "Geografia, história e estudos amazônicos".

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo).

Raiomar – "Particpei da passeata nas ruas de nossa cidade reivindicando o combate ao trabalho escravo".

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Raiomar – "Foi marcante quando estudamos sobre o Zumbi dos Palmares e o Quilombo".

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Raiomar – "Sim, por que a gente fica informado sobre o assunto".

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Raiomar – "Sim"

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Raiomar – "particpei da passeata".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Raiomar – "Não sei dizer, mas acho que a escola ajuda denunciando".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Raiomar – "Foi sim, agora já sabemos se a pessoa é escravo ou não. Aprendemos na escola a identificar isso".

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Raiomar – "Antes o que eu sabia era que os escravos existiram até na época da princesa Isabel. Agora aprendemos o que é o trabalho escravo nos dias de hoje".

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Raiomar – "São elaborados sim com a participação dos alunos, eu ajudei na elaboração as faixas e dos cartazes".



ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: JAIR MARTIS DOS SANTOS

SÉRIE: 9º ANO A

IDADE: 14 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Jair – "Não sei".

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Jair – "História, estudos amazônicos e geografia".

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo)

Jair – "Em forma de textos sobre trabalho escravo".

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Jair – "Aprendi que não se pode discriminar os negros e que todos somos iguais".

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Jair – "Por que aprendemos a respeitar as pessoas e esse projeto já faz esse trabalho".

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Jair – "Já sim"

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Jair – "Sim. Passeata e culminância do projeto".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Jair – "Acredito que orienta as vítimas".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Jair – "Não sei".

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Jair – "Antes a gente só conhecia os escravos antigos e agora já conhecemos vários tipos de escravidão".

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Jair – "Alguns alunos participam outros não".

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: WEDER DA COSTA QUERINO

SÉRIE: 9º ANO A

IDADE: 14 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Weder – não sabe

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Weder – "História e geografia"

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo).

Weder – "Me lembro apenas dos textos que eram trabalhados".

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Weder – "não"

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Weder – "Sim por que os alunos ficam informados sobre os seus direitos".

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Weder – "Já sim".

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Weder – "Participei da passeata".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Weder – "Não sei responder".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Weder – "Que eu saiba não".

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Weder – "Antes eu só sabia o que era a escravidão dos negros, hoje já conheço outros tipos de escravidão".

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Weder – "Sim, aqui nós participamos de todas as atividades".

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: LAUANNY GOMES FREITAS

SÉRIE: 9º ANO A

IDADE: 15 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Lauanny – "Sim. Só não me lembro o que".

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Lauanny – "Historia, geografia, artes e estudos amazônicos".

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo)

Lauanny – "Em forma de textos, filmes e produção de desenhos".

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante?

Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Lauanny - "Sobre a escravidão dos negros quando eles foram presos e vendidos".

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Lauanny – "Sim, por que as pessoas tem muito preconceito ainda contra os negros e para que as pessoas saibam o que é trabalho escravo".

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Lauanny - "já sim".

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Lauanny – "Particpei de uma peça teatral no Sindicato dos Trabalhadores Rurais".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Lauanny – "Não sei te falar".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Lauanny – " Não me recordo".

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Lauanny – "Antes do projeto a gente só sabia sobre a escravidão dos negros e agora, com o projeto, descobrimos novas formas de escravidão".

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Lauanny – "Sim na confecção de cartazes, faixas, produção de textos, poesias".

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: KETLER LORRANE FIGUEIREDO DA SILVA

SÉRIE: 9º ANO B

IDADE: 15 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Ketler - não sabe

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Ketler - "geografia, historia, artes".

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo).

Ketler - "De várias formas: filmes, textos, seminários".

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Ketler - "O que mais me chamou a atenção foi o jeito como as pessoas eram escravizadas".

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Ketler - Sim. Para que se tenha consciência. Desde pequeno devemos aprender a não escravizar.

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Ketler - "Sim, já ouvi falar".

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Ketler - "Participei da passeata".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Ketler - "Orientando os alunos".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Ketler - "Não"

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Ketler - "Antes sabia pouco sobre escravidão, agora sou consciente que não devemos escravizar ninguém".

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Ketler - "Ajudei a confeccionar até roupas para apresentarmos a peça de teatro, fizemos cartazes e faixas também".



**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: SINOVAL BARROS DO NASCIMENTO

SÉRIE: 9º ANO B

IDADE: 17 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Sinoval – "Sim. Combate ao racismo".

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Sinoval – "Geografia e história"

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo).

Sinoval – “a professora Rosimeiri de geografia gostava de trabalhar na sala, antes do projeto chegar na nossa escola com textos de combate ao racismo e lembro-me que ela falava muito num lugar chamado Quilombos, um lugar onde os negros viviam e vivem”

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Sinoval – "Sim, tivemos a oportunidade de aprender muito sobre a escravidão".

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Sinoval – "Acho, por que a gente fica informado e respeita mais o nosso próximo independente de cor e raça".

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Sinoval – "Já ouvi sim".

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Sinoval – "Participei da passeata".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Sinoval – "Informando os alunos".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Sinoval – Sim

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Sinoval – "A escola desenvolveu um grande trabalho e consegui mudar a minha visão sobre o trabalho escravo".

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Sinoval – "Peças teatrais, cartazes, faixas e outros materiais foram confeccionados com a participação dos alunos".

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS**  
**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A**  
**PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA**  
**ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,**  
**SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**  
**CARLENY BOTELHO SOUSA**

NOME: GUSTAVO LACERDA DOS SANTOS

SÉRIE: 9º ANO B

IDADE: 15 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Gustavo – "Não sei"

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Gustavo – "Estudos amazônicos, português, história, artes e geografia".

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo)

Gustavo – "Não sei explicar".

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante? Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Gustavo – "Não me lembro".

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Gustavo – "Acho interessante por que é aprendendo que se repassa".

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Gustavo – "já"

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Gustavo – "Fiz paródias e participai de passeata".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Gustavo – "A escola orienta e encaminha os alunos quando necessário".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Gustavo – "Sim"

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Gustavo – "Antes do projeto eu pensava que escravo era só quem era negro e agora sei que pra escravizar não tem isso de cor".

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Gustavo – "Os alunos que ajudam são poucos".

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS  
A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A  
PARTIR DO PROJETO “DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA  
ERRADICAR A ESCRAVIDÃO” NA E. M. E. F. RAIMUNDO FERREIRA LIMA,  
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA-PA.**

CARLENY BOTELHO SOUSA

NOME: LEANDRO OLIVEIRA ARAUJO

SÉRIE: 9º ANO B

IDADE: 15 ANOS

Carleny - Antes da implantação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão” a questão do trabalho escravo era trabalhada pelos professores de geografia?

Leandro – "Já sim"

Carleny - Em que disciplina o tema do “trabalho escravo” era dado?

Leandro – "Geografia, história e artes".

Carleny - Descreva como esse tema foi trabalhado em sala de aula? (se puder descreva uma aula ou atividade em que foi trabalhado o tema do trabalho escravo).

Leandro – "Através de textos sobre os negros africanos".

Carleny - Durante as aulas sobre “Trabalho escravo” houve algum momento marcante?

Se a resposta for sim, pedir ao aluno para falar sobre essa situação. Se a resposta for não, pedir a ele para dizer por quê.

Leandro – "Aprendi que as pessoas escravizadas não tem direito a ter direito".

Carleny - Você acha importante que se ensine sobre o “Trabalho escravo”? Por quê?

Leandro – "Sim, para que possamos aprender mais sobre esse tema".

Carleny - Você já ouviu falar do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Leandro – "Já ouvi falar".

Carleny - Você já participou de alguma ação do projeto “Direitos humanos e educação para erradicar a escravidão”?

Leandro – "Do júri simulado e da passeata".

Carleny - Como a escola trabalha esse assunto quando se depara com essa realidade vivenciada por seus alunos? Fale um pouco sobre isso.

Leandro – "Orientando, procurando os pais, hoje a gente vê tanta gente discriminando alguém".

Carleny - Quanto à sua visão, entendimento em relação ao trabalho escravo, foi feito um trabalho para diagnosticar essa visão para uma posterior comparação entre a compreensão anterior e posterior ao projeto?

Leandro – "Sim"

Carleny - Se a resposta for SIM, qual a principal diferença entre a compreensão anterior e posterior em relação à temática?

Leandro – "Antes a gente era desinformado, hoje já sabemos pra onde correr, tem lei pra tudo".

Carleny - Se a resposta for NÃO, é possível, como aluno, estabelecer uma relação entre essas compreensões?

Carleny - Quanto aos recursos didáticos utilizados no projeto, são elaborados com a participação efetiva dos alunos?

Leandro – "Sim aqui tudo a gente participa e ajuda a montar".